

# ASSENTAMENTO

## SÃO

## FRANCISCO

**Autor: Miguel Patrício**

**Capa: Julio Quinan**

**A todo caboclo que ama sua terra  
como se ela fosse da família - o  
cerrado, o morro, os campos são  
sagrados para ele; são seus vizinhos,  
seus irmãos.**

**“Dizem que o primeiro beijo não se esquece. Nem o segundo, nem o terceiro, se o amor for verdadeiro”.**

## ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO

Assentamento São Francisco. Sertão de Goiás. A monotonia da tarde quente foi acordada por um latido.

- O que foi, Perdigueiro?

Alguém se aproximava e o líder foi logo avisado.

- Vem gente aí, Osório!

- Quem é, Nanico? Reconhece? – diz Osório, levantando-se de sua rede presa por dois ganchos nos galhos da árvore que emprestava sombra à sua cabana.

- Não é daqui – afirmou o menino que tinha as pernas fortes, mas curtas, desproporcionais ao restante do corpo.

- Grrr...

- Segura o Perdigueiro, que ele tá muito brabo.

O menino abraçou-se ao pescoço do cachorro, sentando-se ao chão, enquanto a figura do visitante crescia na estreita e íngreme estrada que dava acesso ao local. A certa altura, já se podia notar um homem forte, de meia-idade, acostumado ao trabalho. Camiseta larga, calça e botinas velhas, carregando uma pequena sacola. A cor de sua pele carece de uma definição melhor que queimada, encardida, talvez marrom. Os cabelos curtos e enrolados seguiam o mesmo tom pardo.

Parecia uma continuação encaracolada do corpo. A mão esquerda no rosto protegia do sol os olhos castanhos, sem brilho. Assim ultrapassou o improvisado mastro que sustentava uma bandeira suja, em vermelho e branco, contendo no centro o mapa do Brasil.

- Que estradinha difícil, amigo! Pensei que não ia mais chegar.

- Grrr...

- Segura o cachorro, Nanico – disse o líder, estendendo a mão em direção ao estranho visitante. – Está procurando trabalho ou também quer uma lasca de terra?

- Não, não tenho vocação pra cuidar da terra, amigo, apesar de estar sempre trabalhando nela. Tô de passagem, pedindo pra fazer um descanso. Um dia ou dois...

- Menos mal. Os companheiros não querem mais divisão. Já somos cinquenta e quatro famílias. Quanto ao descanso, creio que não tem problema. Fique mais pro lado do meu rancho. À noite, pode dormir na minha rede.

- Obrigado, obrigado...

- A comida é que tá meio racionada.

- Au, au, au!

- Mas o que deu nesse cachorro?

- Parece que ele não gostou de mim.

- Mas ele é um borra-botas. Não pega ninguém. E tem nome de Perdigueiro, veja só!

- Grrr...

- Põe ele na casinha, Nanico, até acalmar.

O menino levantou-se do chão, ainda agarrado ao pescoço do animal, e o arrastou até uma rústica casinha feita de tábuas, ao lado de um velho tronco de árvore que ainda se mantinha em pé, apesar do fogo que queimava seu interior. Na verdade, era uma ironia o nome dado ao pequeno cachorro branco, sempre sujo, de orelhas em pé. De caçador de perdiz nada tinha. Talvez alguma lagartixa, e de vez em quando. Aproveitava-se o latido à noite espantando os gambás, e o carinho durante o dia com todos dali, menos com o visitante.

- Deita aí, Perdigueiro!

O estranho homem enxugou o suor da testa, sentou-se numa raiz que se curvou para fora da terra e encostou-se no tronco da árvore. Seus olhos correram pelo pobre acampamento, observando minuciosamente o local. São Francisco ainda era uma invasão. Há três anos, famílias se reuniram naquelas terras improdutivas e agora esperavam do Governo a ordem de posse. Inúmeras barracas feitas de bambu, cobertas de lona e plástico, enfileiravam-se ao longo da estrada. Algumas casas de tábuas arriscavam-se adentrando o vasto cerrado goiano que se estendia por vários quilômetros às costas do acampamento. Poucas mulheres e crianças eram vistas por ali. As esposas dos camponeses ainda tinham que residir na cidade mais próxima, devido às precárias instalações da

invasão e à necessidade de trabalho. Pequenas hortas empurravam o cerrado; galinhas e porcos corriam pelas trilhas e um vento teimoso do mês de agosto trazia sempre mais poeira.

- Um copo d'água?

O visitante fora interrompido em sua observação.

- É o que podemos oferecer, por enquanto...

- Oh, obrigado, obrigado...

O anfitrião voltou à rede. Homem baixo, forte, cabelos crespos, pele escura de raça e de trabalho. A vida toda vagou pelas fazendas da região e agora almejava um lugar que pudesse dizer a todos que era seu. Seu e de sua esposa e seu pequeno filho, ainda na cidade.

- Mas qual é mesmo o nome do amigo? – indagou o visitante depois de esvaziar o copo.

- Osório. Osório Barreto. E o seu? Ainda não foi visto na região.

O homem coçou os cabelos.

- Meu nome já foi até esquecido. Devido à minha cor, me chamam de Ganga. Sabe como é, apelido de infância não desgruda da gente.

- Isso é verdade. Então, Ganga, já que pretende ficar por aqui um dia ou dois, vou te mostrar a minha horta. Claro, depois que der um descanso merecido às suas pernas.

- Obrigado, obrigado...

A horta ficava a cem passos, escondida pelo cerrado, às margens de um córrego. O leito de água serpenteava por ali, atravessava a estrada e fugia em direção a um vale adiante. Nessa época do ano, trazia pouca água da cabeceira, mas o bastante para irrigar as plantações. Couve, alface, tomate, cenoura, cebola, pepino, batata...

- E agora os meus preferidos pés de pimenta.

- E quem não gosta? Dá é trabalho pra aguar.

- Isso é verdade. Tudo nos regadores e baldes. Se quiser ajudar, é só pegar esse aí.

- Com prazer. O amigo é o líder da comunidade?

- Sou, mas não é bom dizer. Já sofremos algumas represálias do dono da fazenda. Ele é meio “embaçado”.

- Que tipo de coisa?

- Ele tem uns capangas. Já vieram aqui.

- Deu confusão?

- Mais ou menos, mas ninguém saiu ferido.

- Hum!

- Mas, quando sair a terra, vai ser outra coisa. Não vou deixar por menos. Eu já tenho uma bomba d’água com os canos e tudo. E a rede elétrica não fica muito longe... Esta horta ainda vai ser um “brinco”!

- Ah, pensei que falava dos capangas. E tem mais plantaço?

- Vamos fazer a primeira roça agora. É de lá do córrego. Os companheiros estão todos lá. Estamos preparando a terra pra esperar as chuvas. As sementes, já conseguimos. Arroz e milho.

- Aqui o líder não trabalha?

- Há, Há, Há. – riu gostosamente Osório.  
– Eu não ouvia uma boa piada há muito tempo.

- E então?

- Hoje é meu dia de vigiar o acampamento. Sempre fica uns três ou quatro homens. Não é bom deixar só com as mulheres e os meninos.

- É, pelo que vi, são poucos.

- Estão chegando agora. Já tem várias casas de tábuas no cerrado.

- Como a sua. A única de tábuas entre as barracas.

- É verdade.

- E aquela barraca maior, cheia de bancos, em frente sua casa?

- Serve de sede pras reuniões. Por isso só é coberta de plástico, não tem as laterais. Agora vamos ali molhar aquele canto. Ontem eu não aguei.

Quase uma hora de descidas de regador vazio ao barranco do córrego e de subidas de regador cheio aos canteiros. No final da tarefa,

Osório explicava ao visitante a escolha do nome para o assentamento.

- Ufa! De dois é muito mais fácil o trabalho. Mas como eu falava, São Francisco ajudava a todos. Pobres e doentes. Santo do amor, da simplicidade e da alegria. Do jeito que eu pensei o acampamento. Todos se ajudando, vivendo com pouca coisa, mas com muita alegria. Assim deve ser a vida.

- Por isso o amigo escolheu esse nome...

- Eu dei a ideia e os companheiros apoiaram. Dia quatro de outubro tá chegando e a gente faz uma comemoração. Ano passado teve. A gente trouxe até um sanfoneiro da cidade.

- Muito bom...

- E, além do mais, São Francisco era protetor dos animais e de toda a natureza. E nós vamos desmatar só o necessário. Aqui tinha que se chamar mesmo Assentamento São Francisco.

- Só que ainda não é um assentamento...

- É verdade, mas a placa já tá lá na estrada. A gente quando vê fica mais animado, esquece que aqui só tem, por enquanto, um amontoado de barracas.

- É...

- Agora vamos voltar. Não gosto de ficar longe do acampamento. A gente tem que tá sempre de olho na estrada.

- E que estrada! Parece que nunca chega.

- Eu prefiro assim. Não leve a mal, mas a subida afasta as pessoas e, numa necessidade, dá tempo da gente se preparar.

Vários camponeses cultivavam à beira do córrego e inúmeras trilhas haviam tomado conta do cerrado na direção das hortas. Uma dessas trilhas, bem cortada, vencia as últimas árvores e chegava exatamente aos fundos da cabana de Osório.

- Au, au, au!

- Aii!

- Sai, Perdigueiro!

Osório abaixou, pegou um pedaço de galho, atirando-o na direção do cachorro, que fugiu.

- Mas ele te mordeu! Aí, ó! Tá sangrando.

- Ui, ui! Ainda bem que pegou a botina. Na verdade, foi só um arranhão.

- Mas é bom desinfetar. Lá dentro tem álcool. Vamos lá. Mas esse cachorro nunca fez isso, pegar à traição! E ele não tava preso? Nanico!

O menino apareceu.

- Por que você soltou o Perdigueiro?

- Eu achei que não tinha importância. E vocês tavam lá na horta... Desculpa. Vou trancar de novo.

- Tudo bem, tudo bem. Isso acontece. Além do mais ele nunca pegou ninguém. Aqui o álcool. Achei.

Ganga retirou a botina, passou um pano molhado e em seguida derramou o álcool na ferida.



- Tô achando que a gente precisa falar com o pessoal. Será que eles não estão muito cansados da labuta lá na roça?

- Dá pra fazer – respondeu Ramiro, amigo particular do líder. – Cansado a gente tá, mas uma conversa vai até fazer bem.

- Então vamos avisar os outros. Nanico, manda ver!

- Vou soltar um foguete também?

- Tá doido, menino? Nessa seca, você toca fogo no mato.

Como sinal de aviso para as reuniões ou início de alguma comemoração, era usado o estouro de foguetes ou o som de um gongo batendo um taco de madeira em grandes tampas de alumínio. No silêncio triste daquele sertão, o gongo ressoava distante. Penetrava nas trilhas por entre as árvores, corria a favor do vento, avançava pelo curso do riacho e, mais além, espalhava-se como veias pelo corpo, em todas as direções. Alguns minutos depois, o ressoar do gongo subia aos céus mais uma vez, repetindo o chamado. Pequenos focos de luz apareciam e se moviam pelo cerrado. Inúmeros focos. Como preguiçosos vaga-lumes, feriam o sono da mata e se convergiam para o acampamento. Minutos silenciosos se passavam e logo os companheiros chegavam, um a um, trazendo à frente suas lanternas.

Lampiões de gás foram acesos e suspensos em alguns galhos de árvores. Em frente à

cabana do líder, mais de 40 pessoas se acomodaram. A maioria em bancos de madeira sob a barraca maior; o restante em tamboretas e raízes das árvores.

- Obrigado por virem. Estão todos aqui?

- O Manoel tá doente, e o Fernandes tava muito cansado. Passei nas casas deles. Ah, fora os quatro que foram buscar suas famílias na cidade.

- Tudo bem...

- Mas, Osório, não é bom essas reuniões à noite, não. A gente viu rastros da onça lá pras bandas da roça.

- Ah, ela voltou? Havia sumido um tempão.

- Acho que dessa vez é mais de uma.

- Então precisamos mesmo tomar cuidado. A próxima reunião a gente faz de dia. É que tem alguma coisa me incomodando. Mas, primeiro, fala como foi o serviço lá na roça...

Pedrao, homem alto, forte e de barba cerrada tomou a palavra.

- Tá bem adiantado. Já tiramos o mato e fizemos as fileiras de troncos. Falta arrancar os tocos e arar a terra. A chuva vai demorar ainda, não se preocupe.

- Será que chove o mês que vem? – indagou Nenzico, homem magro, de meia estatura e chapéu branco nas mãos.

- No final do mês, quem sabe. Mas é coisa pouca. Em outubro é que a chuva “enleira” – afirmou Pedrão.

- Então, dá tempo. Enquanto isso a semente chega da cidade – completou o líder.

- É isso mesmo. Mas você escapou que alguma coisa te preocupa, Osório. Vai falando...

O homem tossiu, levando a mão direita à boca.

- É, eu tô meio preocupado com os companheiros mais distantes. Na última reunião, eu afirmei a ideia de ficarmos mais juntos aqui no acampamento. Porém alguns tiveram pressa e se aventuraram cerrado adentro. O Zé Navalha e sua família já receberam visita de uns cavaleiros, aconselhando voltarem pra cá. Não é Zé?

O homem balançou positivamente a cabeça.

- Isso mesmo! Capangas do dono da fazenda.

- O que eles falaram?

- Que as terras não eram minhas e que eu e minha família devíamos abandonar o rancho.

- E por que você não passou a navalha neles, Zé Navalha? – gracejou Nenzico. – Há, Há, Há!

- Eu nem navalha tenho...

Osório retomou a palavra.

- A gente não é de violência, e eles estavam armados. Parece mais prudente aqueles

mais distantes voltarem pra mais perto do acampamento. Por aqui fica mais fácil a gente ajudar uns aos outros.

- Osório parece ter razão, gente – adentrou à discussão Anselmo. – Já vi esses cavaleiros no alto do monte lá perto de casa duas vezes. contei uns quatro.

- Então eles estão mesmo querendo assustar o povo...

- É, e se a gente deixar, eles tomam conta. Ou a gente tem medo deles? – disse Pedrão, alterando a voz na frase final.

Um pequeno silêncio tomou conta do local. Nenzico foi quem o quebrou.

- Eu tenho. E muito! Há, Há, Há!

Outros companheiros sorriram também.

- Não se trata de ter medo, gente – disse o líder. – O problema é que os mais afastados ficam desprotegidos.

- Mas não podemos recuar. Essa é a minha opinião – afirmou Pedrão, socando a árvore em que se encostara.

Um novo silêncio.

- Só há uma saída – sugeriu Ramiro. – Alguns que têm arma, aqui do acampamento, vão ficar uns dias com o Zé, o Anselmo e com quem mais precisar.

- É uma boa ideia – concordou Osório. – Assim a gente fica mais tranquilo.

- E tem uma coisa – completou Pedrão. – Se esses capangas continuarem ameaçando ou se fizerem alguma presepada com um dos companheiros, a gente reúne a turma e vai lá na sede mostrar pra eles quem nós somos.

- Isso mesmo, Pedrão!

- É isso aí!

- O direito é nosso!

- Tudo bem, tudo bem – acalmou Osório.

– Vamos torcer pra não ser preciso nada disso. A gente toma os cuidados e espera pra ver no que vai dar. Vamos analisar agora quais são as cabanas que precisam de proteção...

Encostado numa árvore mais distante, Ganga assistia à reunião. Notou que alguns perguntaram a Osório sobre ele. Dois outros olhos também o fitaram, porém mais insistentes. Era Perdigueiro, fechado em sua casinha, com o nariz enfiado por uma das várias frestas entre as tábuas.

- Grrr!

A reunião findou. Quando os participantes saíram, retomando o caminho de suas casas, Ganga se aproximou com sua sacola nas mãos.

- O pessoal parecia meio exaltado, amigo.

- Isso é normal – explicou Osório. – Quando surgem problemas, os ânimos esquentam. Eles têm medo de perder o que já conquistaram.

- Tem muita gente longe do acampamento?

- Felizmente não. Umas seis ou sete famílias podem ser consideradas distantes. A maioria está aqui nas barracas e nas cabanas seguindo o leito do córrego. Vai dar tudo certo, se Deus quiser.

Osório estendeu um velho cobertor ao visitante que se dirigia para a rede.

- Talvez nem seja preciso. As noites estão muito quentes também.

Ganga enrolou o cobertor e o fez de travesseiro. De costas na rede, com os olhos voltados para as estrelas que surgiam por entre as folhas das árvores, ouviu os últimos ruídos das pessoas cessarem. Osório e Nanico também se recolheram. Ao estranho homem sobraram o chiar incessante dos grilos, o coaxar distante dos sapos no córrego, o piado das aves noturnas e o crepitar quase imperceptível do fogo no velho tronco de árvore. Com o apagar dos lampiões, o tal fogo tornava-se visível na escura noite sem lua. Um clarão alaranjado aumentava e diminuía de intensidade, saindo do tronco como da boca de um enorme dragão, desenhado com esmero pela mata escura. Não havia chamas, na verdade eram apenas brasas. Comiam pouco a pouco o interior da madeira que teimava em permanecer de pé. O homem voltou os olhos para o local. Pareceu ver ardendo o interior do tronco, avermelhando-se mais, criando labaredas e se debruçando lentamente sobre a casinha onde Perdigueiro estava preso.



- Tem baba dentro da casinha. Isso acontece quando o bicho é envenenado. O único veneno que tem aqui é pra rato...

- Mas quem fez isso? – perguntou Nanico, agachando-se e alisando o pelo do animal.

- Isso é só uma hipótese – disse Osório. – E ele não fez barulho. Nem ouvi o tronco cair.

- Está meio distante de sua cabana – observou Ganga.

- Bem, não importa. Agora resta enterrar o bichinho. Pega a enxada lá, Nanico.

O menino levantou-se e saiu cabisbaixo até aos fundos da cabana onde eram escoradas as ferramentas. O resto do dia passou sentado debaixo de uma árvore mais afastada, longe de todos. À tarde, Osório e Ganga passaram por lá quando voltavam do trabalho na roça.

- Vai lá dentro comer, Nanico. Não pode ficar assim – ordenou Osório.

- Tá bom...

- O menino sentiu muito a morte do cachorro – observou Ganga.

- Era o melhor amigo dele...

- Ele é da sua família?

Nanico era garoto de rua. Apareceu logo após a invasão e foi acolhido pelo líder. Ajudava nas tarefas menos pesadas. Afeiçoou-se ao cachorro trazido da cidade por um amigo.

- Tem sido uma boa companhia na ausência de minha esposa e meu filho.

- Você é mesmo boa gente. Está sempre acolhendo alguém...

Osório sorriu.

- É verdade. Pode ficar o tempo que precisar. Além do mais está sendo muito útil. Você pegou pesado hoje no roçado.

- Obrigado, obrigado...

Ao chegar, Osório teve uma surpresa. Os quatro companheiros que foram buscar suas famílias retornaram e um deles ainda montava sua barraca.

- Meu irmão tá junto. Vamos lá ver, Ganga?

Com a passagem dos anos, a tendência é que os sem-terra levem seus parentes para a invasão. Além das mulheres ajudarem nos trabalhos, a presença de toda a família dá força ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais na luta pela concessão da terra junto ao INCRA.

- Olha o líder chegando aí, gente!

- Tudo certo na viagem, moçada?

- Tudo certo, Osório. Mas eu achei que teria de dormir na estrada. Saímos bem cedinho e só chegamos agora.

- Os meninos já estão brincando ali...

- É, e quem é esse aí?

- É o Ganga. Vai ficar uns tempos com a gente.

- Ah!

- Não tô vendo o meu irmão...

- O Zeca achou um lugar mais pra lá, depois do Nenzico.

- Vou lá. Daqui a pouco volto pra ajudar. Vamos Ganga.

- Eu fico aqui ajudando. Já tá anoitecendo.

Em pouco tempo, o líder identificou o acampamento do irmão. Zeca era o mais velho da família. Irmão apenas por parte da mãe, tinha a pele bem mais clara que Osório. No início não pensava fazer parte da invasão, mas depois resolveu e agora trazia consigo a esposa Irene, os filhos Roberto de 15 anos e a linda Sabrina dois anos mais velha. A moça era morena, cabelos longos e escuros do pai e os olhos claros da mãe.

- Tudo bem, Zeca? Olá, Irene. Eu esperava vocês a partir de amanhã.

- Tudo bem. Cansativa a viagem. Não rende com essas carroças. Eu devia ter alugado uma caminhonete. E o pior é que ficaram coisas pra trás. Depois eu tenho que buscar.

Sabrina aproximou-se, abraçando o tio.

- Roberto estava doido pra vir. Eu não queria, mas meu pai obrigou. Aqui vai ser o fim da minha vida.

- Já falamos sobre isso – interrompeu Zeca. – não podia te deixar sozinha na cidade.

- Mas eu ia ficar com a tia Mariana...

- Nem pensar. Logo com aquela desmiolada.

- E a minha escola, pai?

- Você só vai perder este ano. Seu tio vai conseguir condução pra estudar na cidade. Agora vai ajuntar as coisas.

Osório comentou:

- Você escolheu um lugar muito ruim pro seu acampamento. Por que não aproveitou a sua velha barraca? Lá é mais plano.

- É só pra hoje. Trouxe tábuas pra construir a cabana.

- Então você continua com a ideia de entrar no cerrado.

- Desde que resolvi vir pra cá, a ideia era essa. Isso aqui é muito grande, pra que ficar espremido num lugar só?

- Mas eu me preocupo com você distante. O fazendeiro não está gostando disso. Já mandou recado pra alguns companheiros.

- Além da espingarda, eu tenho agora um revólver. Não vou andar desarmado.

- Onde você resolveu ficar?

- Lá na mina. Está longe do córrego, mas tem bastante água. Amanhã a gente sai cedo.

- Você vai ser o mais distante.

- Nada. Se não fosse os montes dava pra ver a casa do Zé Navalha.

- Eu fico preocupado mesmo assim.

- Pode parar com isso. O irmão mais velho é que se preocupa com o mais novo.

- Mas eu, como líder da comunidade...

- Você é líder deles, mas não é meu. Pode deixar que sei cuidar de mim e da minha família.

- Tudo bem, tudo bem. Não precisa apelar. Amanhã eu vou com você ajudar a fazer a casa. Eu, o Ramiro e o Ganga.

- Quem é esse?

No dia seguinte, a rústica casa de tábuas se ergueu numa clareira ao lado de uma fonte de água límpida. Na pausa para o almoço, a conversa era animada.

- Água aqui não vai faltar. Se nesta época do ano tem aquilo tudo, nas águas vai dobrar – disse, eufórico, Zeca.

- Só não dá pra pescar – comentou Roberto.

- É verdade – disse Ganga. – Mas seu pai escolheu um ótimo lugar.

Irene e Sabrina haviam terminado o almoço e distribuía os pratos aos homens.

- Foi boa a ideia de passar cedo na horta, tio. A gente só tinha arroz e carne seca – comentou a moça.

- E feijão que não deu pra fazer hoje – completou a mãe.

- Enquanto a horta de vocês não estiver produzindo, eu vou trazer verduras pra você, moça bonita.

- Só pra ela né, tio?

Faltava apenas o telhado para ser feito. Ramiro havia previsto que por volta das 16 horas o



as plantações. Mas hoje era domingo. Podia ter esperado para fazerem o trabalho juntos. Passou por Ganga ainda dormindo em sua rede e alcançou o cerrado. Lá estava o menino, subindo o barranco, carregando uma vasilha d'água.

- O que foi, Nanico? Por que não me esperou?

- Eu estava sem sono. E o senhor tinha trabalhado muito ontem construindo a casa.

- É, ontem o serviço foi duro. E sobre o Perdigueiro, já tá mais conformado?

Nanico abaixou a cabeça, olhou para o lado e falou:

- Eu sei quem matou o Perdigueiro.

- Como assim? Você viu? Quem foi?

- Eu não vi, mas sei que foi aquele homem esquisito, o Ganga.

- Por que acha que foi ele?

- Olha, todo mundo me chama de menino, mas tenho 13 anos. Minhas pernas é que são curtas. Eu sei que foi ele.

- A gente precisa de provas pra falar uma coisa dessas.

- Mas, Osório, todo mundo no acampamento gostava do Perdigueiro. Ninguém ia pôr veneno pra ele.

- Ninguém sabe se foi veneno.

- O senhor disse que foi e eu acredito no senhor.

- Pode ter sido a fumaça...

- Ele quem falou da fumaça. Já viu a sacola dele? Tem veneno lá dentro, eu sei que tem.

Osório ficou um instante em silêncio.

- Não sei, Nanico, mas ele é mesmo o único desconhecido no acampamento.

- Foi vingança! O Perdigueiro mordeu nele.

- É isso que não entendo. Por que o cachorro não gostou dele...

- O Perdigueiro sabia que ele era mau.

- Bem, aí a gente pode tá imaginando coisas. Mas não tiro a sua razão. Vamos ficar de olho nele. Se fizer alguma coisa errada, a gente manda ele embora.

- É...

- Vamos terminar o serviço. Onde está a outra vasilha?

Próximo ao local, uma sombra se esconde, misturando-se às sombras das árvores que margeiam o córrego. Sombra de gente...

Em sua nova moradia, o irmão de Osório se desdobra em suas atividades. Com a ajuda do filho, preparou a terra para a horta, construiu um cercado para os cavalos e um chiqueiro para a criação de porcos. Participava também do trabalho no roçado, já que a plantação era comunitária. Assim ele teria sua parte quando chegasse a época da colheita. Nos momentos de folga, lubrificava seu revólver e sua espingarda, sentado em um

banquinho na porta da casa. Enquanto isso, Roberto ensinava Sabrina a montar.

- Você nem dá conta de subir no cavalo. É mesmo uma menininha da cidade.

- Sou mesmo. Você é que sempre foi invocado com roça. Eu não vou mais mexer com isso, não.

- Claro que vai. Eu te ajudo a subir.

- E se ele andar?

- É só puxar as rédeas que ele para.

- Tudo bem. Isso não vai doer a bunda?

- Só no começo. Depois a gente pega o jeito.

Com o apoio do irmão, a moça consegue montar.

- Pai, olha aqui. A Sabrina montou.

- Roberto, Roberto! Ele tá andando.

- Pega aí nas rédeas, eu não falei? É só puxar pra trás.

- E se ele correr?

- Mas é medrosa mesmo! O cavalo é manso, Sabrina. Vamos andar em volta da casa. Eu puxo.

Osório chegou naquele momento trazendo verduras e uma notícia.

- A onça pegou um porco lá pro lado do Anselmo. Fica depois do córrego.

- Olha aqui, tio. A Sabrina montou.

- Deixa eu falar com o seu tio. O assunto é sério – ralhou Zeca.



- Uns quatro ou cinco dias.  
- Eu tô com medo!  
- Mas de quê?  
- Daquele homem estranho. Ele dorme lá fora na rede.

- Isso é bobagem, Nanico. Mas tudo bem. Você ficará com o Ramiro. Vou falar com ele.

- O senhor vai trazer o Luziano?  
- Se a Luzia já puder vir... Seria bom, pois vou ter que alugar uma caminhonete pra trazer a semente. A mudança viria junto.

- Faz tempo que não vejo ele. Deve ter crescido muito.

- Tem três anos agora. A idade do Assentamento.

- Posso brincar com ele?  
- Pode. O problema é a onça.  
- O que tem a onça?  
- Ah, desculpa. Claro que pode brincar com meu filho. Você vai ajudar a cuidar dele por aqui.

Ramiro chegou naquele instante.

- Tá de partida?  
- Só vou aprontar o cavalo. Eu ia te procurar. O Nanico quer dormir em sua tenda. Tudo bem?

- Claro que sim. Vai trazer a família?  
- Vou fazer de tudo pra trazer.  
- É, a família do líder precisa estar aqui. Dez da manhã. Sabrina grita pelo irmão.

- Roberto, me ajuda a subir no cavalo.

- Agora eu não posso. Tô indo trabalhar na horta. Senão meu pai me mata quando voltar do roçado.

- Então como é que eu faço?

- Sobe no tamborete.

Irene advertiu:

- Não vai longe. Você nem sabe andar direito ainda.

- Eu já sei, mãe. Só não dou conta de subir.

Com esforço, a moça consegue passar do tamborete para o dorso do cavalo. Um cutucão com o calcanhar na barriga do animal e ele andou, pisando uma pequena trilha por entre o cerrado.

- Vamos só até ali naquele monte, Malhado. Senão a gente se perde.

As mãos nas rédeas, os olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento. O monte, finalmente. O espírito de aventura dizia para contorná-lo apesar do mato já ter tampado a visão da casa. Faltava pouco e ela voltaria. De repente, o cavalo assusta-se.

- Riinch!

- O que foi, Malhado?

A moça levantou os olhos até à curva da trilha. Quatro cavaleiros estavam parados olhando para ela. Imediatamente tentou voltar, mas o animal não obedeceu. No vão esforço de fugir, desequilibrou-se e caiu sobre a relva do caminho.

Seus longos cabelos cobriram o rosto. Pôs-se de joelhos no momento em que uma bota de adornos cintilantes parou a um passo dela. A mão direita de um belo rapaz foi-lhe estendida.

- Não precisa se preocupar, senhorita. Estamos só de passagem. Segure aqui.

Ela estendeu as mãos e foi puxada para o alto, ficando bem próxima de dois olhos negros e um sorriso encantador que a paralisaram por um instante. Quando se desvencilhou daquela corrente, afastou-se um passo e puxou as mãos.

- Obrigada. Eu assustei. E nem sei andar a cavalo direito.

Um dos três cavaleiros que permaneceram sobre a cela gracejou:

- Se ela quiser, a gente ensina. Não é, patrão?

- Deixa de brincado, Afonso. Assim você assusta a moça.

Voltando-se para Sabrina, o simpático rapaz disse:

- Qual é o nome da moça bonita?

- Sabrina. E... o seu?

- Eu me chamo Leonardo. Léo, para os amigos. Bem, agora é melhor você voltar. Sabe que tem onça por aqui?

- Ouvi falar, mas meu pai disse que ela ataca só de noite.

- Não é bem assim. Ela ataca quando está com fome. Vou ajudá-la a montar.

Duas mãos fortes seguraram a cintura da moça e a ergueram sobre o cavalo.

- Sabe o caminho, não?

- Sei. É perto. Obrigada, Léo.

- Tchau.

O rapaz também montou e tomaram direções opostas. Sabrina arriscou uma olhadela para trás e se prendeu por mais um segundo naqueles olhos negros. Ainda ouviu os gracejos dos outros cavaleiros.

- Qual é o nome da moça linda?

- Léo, para os amigos. Há, Há, Há.

- Obrigada, Léo. Há, Há, Há.

Dezessete horas. Fim do trabalho no roçado. A volta era um pouco demorada e ainda havia o banho no córrego. Ganga desgarrou-se do grupo.

- Aonde vai, Ganga? E o banho?

- Vou fazer uma necessidade ali detrás daquela moita primeiro. Já volto.

Naquele momento, Nanico saía para aguar a horta de Osório.

- Não volta de noite.

- Pode deixar, Ramiro. Ainda tá cedo.

A descida até ao córrego e a subida trazendo a vasilha d'água. Ao jogar sobre as primeiras plantas, uma sombra tocou seus pés.

Dezenove horas. Ramiro havia procurado pelo acampamento e não encontrara o menino.

Chegou até à cabana de Osório, encontrando Ganga deitado na rede.

- Você viu Nanico? Ele passou por aqui?

- Não. Aconteceu alguma coisa?

- Ele sumiu. Já procurei no acampamento inteiro.

- E a horta? Pode estar por lá – sugeriu Ganga, sentando-se na rede. – Vou pegar a lanterna.

- Não. Pode ficar deitado. Já fui lá quando estava escurecendo.

- Com essa onça rondando por aí...

- Nem me fale. Osório deixou o menino comigo.

- Agora só resta esperar amanhecer pra procurar melhor.

- É... Vou dar mais uma volta por aí. Obrigado, Ganga.

O homem voltou a colocar a cabeça sobre o cobertor dobrado. Sorriu para as estrelas que tudo veem e que sabem de tudo.

Já era o segundo dia que Sabrina passava quase todos os instantes debaixo da árvore, sentada no tamborete, com os olhos voltados ao infinito, aos montes que rodeavam o lugar. Aqueles olhos negros não saíam do seu pensamento, as mãos fortes do rapaz pareciam ainda apertar sua cintura e aquele largo sorriso tentava dizer que iria voltar um dia. Mas os montes estavam quietos, teimosos em apresentar a mesma paisagem. Às vezes o vento

sacudia, com mais força, uma das árvores mais altas, nada mais.

- Sabrina, vem me ajudar aqui na cozinha.

- Já vou, mãe.

Não era possível que a realidade seria apenas aquela. Algo mais haveria de acontecer. Em seus sonhos de moça até agora, nada havia tocado seu coração com tanta intensidade. Haveria, pelo menos, de ver aquele rosto mais uma vez; haveria de ter a oportunidade, uma só, de dizer ao rapaz que ele não saía do seu pensamento. A emoção arrancou uma palavra de sua boca:

- Léo...

- Léo? Que é isso, menina? Quem é Léo?

A moça levantou-se, pega de surpresa pela mãe que já havia notado a sua mudança de comportamento.

- Não, mãe, não é nada.

- Como não é nada? Eu ouvi muito bem o nome de uma pessoa.

- Eu estava sonhando, só isso.

- Sonhando acordada, como sempre. Tudo bem, pode sonhar, mas vai logo dizendo quem é esse tal de Léo. Se bem me lembro, naqueles seus namoricos lá na cidade, não havia Léo nenhum.

- É só um nome, mãe. Eu estava sonhando, já disse.

- Tá, tá. Vem me ajudar na limpeza. Léo, Léo...



- Você não tem culpa, Ramiro. Era pra ele pousar em sua casa, e não pra você ficar vigiando ele.

- Mesmo assim.

- Vamos descer as coisas aqui da camioneta. Depois a gente vai procurar por ele.

- Eu já procurei. Andei pelo córrego afora, fui até nas cabanas mais distantes.

- Tudo bem. Só vamos facilitar as coisas pra Luzia, aí a gente vai procurar de novo. Cadê o Ganga?

Meia hora depois, os dois homens saíram à procura do menino.

- Então você viu ele pela última vez à tarde...

- É, saindo para aguar a horta. Eu até pensei em ajudar, mas estava ocupado. Falei pra ele não voltar de noite.

- Vamos começar de lá, então.

Em poucos minutos, estavam analisando o terreno.

- Aqui tem muitos sinais. Não dá pra entender nada – disse Osório.

- É, tem passos dele, seu... Esse aqui é meu. E esse aqui?

- Deve ser do Ganga. Ele sempre ajudou a gente com as plantas.

- Por que você perguntou por ele aquela hora?

- Nada. Quem sabe ele tinha notícias –  
disfarçou o líder para não alarmar o amigo.

Da horta, passaram a procurar no leito do  
córrego.

- Eu pensei que você só viria amanhã ou  
depois.

- A intenção era essa, mas parecia que  
alguma coisa estava me chamando.

- Ainda bem que deu tempo de trazer as  
sementes. E o Divininho caçador?

- Eu tive sorte. Ele estava na cidade. Foi  
só saber da onça e seus olhos brilharam. Disse que  
vem amanhã mesmo. Mandou até a gente reunir as  
armas.

- Reunir as armas?

- É o seu jeito de falar. Mandou convidar  
os companheiros que têm espingarda.

Do córrego foram até algumas cabanas.  
Ninguém tinha visto o menino.

- Já que estamos aqui, vamos até a roça. A  
gente aproveita e faz o convite pra caçada amanhã.

Da roça, voltaram para casa seguindo  
outra trilha, na tentativa de encontrar Nanico.

- Será que ele não voltou pra cidade? Ele  
era menino de rua, não era?

- Não, não voltou. Ele teria me avisado.  
Além do mais eu estava indo pra lá.

- É, tem razão.

Osório resolve falar com o amigo sobre  
Ganga.

- Eu não te falei aquela hora, mas o Nanico estava com medo do Ganga.

- Medo? Por quê?

- Ele acha que o Ganga matou o Perdigueiro.

- Por isso ele quis dormir lá em casa.

- É...

- E foi mesmo o Ganga?

- Não sei. Acho que não. Nanico tem certeza que foi ele. O único desconhecido aqui e o cachorro mordeu ele.

- Nanico não deixa de ter razão.

- Bem, o que importa agora é achar o menino. E já tá ficando tarde. Vamos mais rápido. Tem muito serviço no acampamento.

A tarde também havia chegado para Sabrina que, mais uma vez, esperara por uma novidade, um movimento qualquer no morro, o reflexo do sol numa certa bota prateada. Nada disso aconteceu. Parece que a vida havia feito-lhe uma brincadeira, pregado-lhe uma peça. Parece que um doce e maravilhoso mundo de emoção e alegria havia apresentado-se a ela e imediatamente escondido detrás do morro. Não, isso não podia ser verdade. Era o terceiro dia que esperava em vão sob aquela árvore. De repente, levantou-se do tamborete e se dirigiu apressadamente até ao pequeno curral.

- Vem, Malhado, vem.

- O que foi, Sabrina? Vai andar a cavalo?

- É só uma volta, mãe.  
- Espera seu irmão. Ele já tá vindo da horta.

- É rapidinho.  
- Você sabe o que acontece se o seu pai chegar e não te encontrar aqui, não é?

Dessa vez não foi preciso tamborete. Num salto, a moça equilibrou-se no dorso do animal. Puxou as rédeas e seguiu a trilha. À medida que adentrava ao cerrado, seu coração parecia aumentar a velocidade das batidas. Uma emoção indescritível tomou conta de si quando chegou ao sopé do monte. Lembrou-se da onça, mas não sentiu medo. Bambeou as rédeas e seguiu em frente. Ele haveria de estar lá à sua espera. Era o único desejo que tinha naquele momento. Um desejo apenas, mas que preenchia toda a sua vida; que fazia reluzir, entre o verde-escuro da mata, o claro brilho do seu olhar. Ele haveria de estar lá. Deve ter ido esperar por ela todos os dias e ela não foi encontrá-lo. Só agora tomou a iniciativa. Ele haveria de estar lá. O cavalo amarrado numa árvore, e ele sentado numa pedra da beira da trilha com uma flor vermelha nas mãos, ansioso por sua chegada. A trilha fez uma curva contornando o monte. A moça seguiu. Iria, finalmente, rever aqueles cabelos, aqueles olhos, aquele sorriso e, quem sabe, sentir novamente aquelas mãos fortes apertando sua cintura. Mais alguns passos e seus olhos viram, enfim, a triste realidade. Ninguém estava à sua espera. O estreito



O novo dia chegou. Prometia ser bem movimentado. A onça havia rondado a cabana de Zé Navalha, um dos moradores mais distantes do acampamento. Logo que amanheceu, o homem foi avisar Osório do ocorrido. Ao chegar, desceu do cavalo em frente à cabana do líder, que estava acomodando os pertences trazidos da cidade, sempre ajudado por sua esposa.

- Ela apareceu de novo, Osório.

- Bom-dia, Zé Navalha. Ela quem?

- Ah, desculpa. Bom-dia. A onça. Estava rondando minha casa ontem à noite.

- Pegou alguma coisa?

- Não, os cachorros não deixaram. Você sabe, eu tenho dois e dos grandes.

- Viu os rastros?

- Tá lá. Desse tamanho! Dei um tiro de cartucheira pro lado do mato pra assustar. Aí, ela quietou.

- Fez bem em vir avisar. Se o caçador vier hoje como prometeu, a gente tem por onde começar a batida.

- É, você falou. Então foi bom a onça aparecer.

- Foi bom.

- Só vim avisar. Agora vou retornar. Minha esposa ainda tá com medo.

- E com razão. Vai com cuidado, Zé.

Luzia, esposa de Osório, aproximou-se.

- Você não me falou da onça.

- É mesmo. Eu me esqueci.
- Por isso é que estava falando com o Divininho lá na cidade.
- É, ele vem ajudar a gente.
- Você não me falou outra coisa.
- O quê?
- Que aquele homem, o tal de Ganga, estava pousando aqui de frente, em nossa rede.
- Achei desnecessário. E eu trouxe a barraca pra ele. Não emprestei ontem, porque estava procurando o Nanico.
- Eu achei ele muito esquisito. Dormi meio preocupada.
- Ele é mesmo meio estranho, mas parece boa gente. Tem ajudado muito lá no roçado. Hoje foi de novo. Os companheiros estão gostando dele.
- O homem ficou pensativo por um instante.
- O que foi? Tá pensando em quê?
- Não, nada importante.
- Não senhor, pode dizer. Se eu vim viver aqui com você, quero ficar sabendo de tudo. Quero te ajudar.
- É, você tem razão. É que o Nanico também não gostava dele. E agora tá sumido. Faz a gente pensar coisas...
- E você falou que o Perdigueiro também não tinha gostado dele.
- É, mas deve ser bobagem. O que importa é achar o Nanico. Pra cidade ele não voltou, tenho

certeza. O problema é que não posso ficar saindo. Tenho que esperar o Divininho.

O sol estava a pino. Uma velha caminhonete sobe a ladeira do acampamento. O som estridente de uma corneta e o latido de cachorros anunciou:

- O Divininho tá chegando. Ele veio mesmo!

O caçador foi recebido com entusiasmo. Homens, mulheres e crianças correram para ver os já famosos cachorros.

- Ué, não era sete? Eu contei oito.

Sorriu, o caçador.

- Tem um novato. É esse mais claro aí. Vai ser a sua primeira caçada.

- Obrigado por ter vindo, Divininho – interveio Osório, estendendo-lhe a mão direita.

- Eu é que agradeço. Os meus filhotes estavam precisando de uma carreira.

- Eu sabia que viria. Luzia até já preparou a boia pra você.

- Obrigado, Osório. Só preciso dar água pros meus filhotes.

- Eu ajudo. Não vai dar comida também?

- Estão sem comer desde ontem. Barriga cheia atrapalha o faro e a vontade deles.

- Não sabia.

Depois de uma rápida refeição, os últimos preparativos estavam sendo feitos para o início da caçada.

- E os companheiros? – indaga o caçador.  
- Estão todos no acampamento. Quem tinha espingarda não foi trabalhar. É só dar um grito.

- Então vamos lá. Pra onde é o rancho do Zé Navalha?

- Meu irmão vai te levar até lá. Eu não posso ir.

- Por quê? Não tem espingarda?

- Tenho, mas eu vou procurar o Nanico.

Osório conta o ocorrido. No final da narrativa, o caçador diz:

- Você tem uma roupa dele aí? Um sapato?

- Vou buscar.

Osório entra na cabana e volta com uma camiseta do menino. Divininho vai até seus cães e passa a roupa no focinho deles. Logo alguns começam a ficar inquietos e a puxar as correias onde estão amarrados.

- O Sultão já sentiu o cheiro. Vai começar a batida.

Os cachorros foram soltos e saíram em disparada. Porém, não tomaram a direção do cerrado.

- Eles estão atravessando o acampamento e vão na direção da estrada.

- Vamos lá, gente! Corre atrás dos bichos!

Escutando o inesperado barulho, alguns companheiros saíram apressados das barracas, empunhando as espingardas.

- Já começou? Mas a cabana do Zé Navalha fica pro outro lado.

- Os cachorros vão achar o Nanico primeiro. Corre, gente!

A batida desce a ladeira, seguindo o córrego em direção ao vale. Atrás dos cachorros, os homens dão o máximo de si, contornando as ribanceiras, pulando moitas e distorcendo-se das árvores que correm em direção contrária e surgem repentinamente ao seu encontro. Só quem já participou sabe, verdadeiramente, a emoção de uma caçada. O coração bate acima do seu próprio limite e as pernas se lançam desenfreadas em direção aos latidos dos cachorros. Correr é a única mensagem passada pelo cérebro. Não há tempo para mais nada. Não interessa o que está ficando para trás; não importa o perigo que virá pela frente. Às vezes os cachorros param e até podem ser vistos por alguns homens da dianteira. Fuçam o chão, andam ao redor, trocam ideias e saem loucamente na direção escolhida. Mesmo sabendo que a caça não era a costumeira, a adrenalina espalhou sua cor rubra nas encostas do vale, nas folhas da mata, nas margens do córrego. Osório havia desgarrado-se de Divininho que se adiantara de todos. Mas a batida era clara e ditava a direção. De repente o barulho intensificou-se. Algo novo havia acontecido. Os

cachorros não mais corriam; haviam chegado ao destino. Grandes aves alçavam voo, rompendo o cerco do matagal. O líder do acampamento alargou os passos e chegou a uma pequena clareira, encontrando os cães que pulavam como se tentassem subir nas árvores. Ao lado, estava o caçador que apontou, com uma das mãos, sua espingarda para o alto.

- Aí está seu menino, ou o que resta dele.

Osório ergueu os olhos e viu a mais horrível cena de sua vida. Nanico estava pendurado de cabeça para baixo, amarrado pelos pés num dos galhos da árvore a uns quatro metros do chão. Uma ave teimosa resolveu alçar voo, assustando o homem.

- São urubus!

Os outros companheiros foram chegando, constatando o mau cheiro e entendendo a situação. A condição do menino era digna de revolta. Morto há tempo, parte do seu corpo já havia sido devorada pelos urubus. Seu rosto conservava a nítida expressão de medo, os buracos dos olhos demonstravam os cruéis momentos de terror pelos quais havia passado e os braços estendidos para baixo pareciam ainda pedir por socorro. Todos ficaram parados por um longo tempo, sem ação, como que paralisados por uma força desconhecida. Parecia um enorme palco montado na floresta, apresentando naquele momento o ato principal de um filme de terror. Um frio na barriga e um arrepio

nas costas mostraram a todos que a peça era real e que eles não eram apenas espectadores. Até os cachorros pararam de latir, esperando o desfecho final.

- Vamos acabar com isso! – adiantou-se Divininho. – Eu vou subir lá e abaixar a corda.

O cadáver foi levado ao acampamento e envolto num pedaço de plástico preto usado nos remendos das barracas.

- Ele foi morto a facadas. Dá pra ver ainda.

- Há um assassino entre nós.

- Vamos pensar nisso depois, gente. Precisamos sepultar o coitado.

No meio do cerrado, um espaço foi limpo para cavar a sepultura.

- Eu preferi desse lado, pois foi aqui que sepultamos o Perdigueiro. Tenho certeza de que Nanico gostaria de ficar junto dele – disse Osório, abaixando no buraco o improvisado caixão.

As mulheres começaram a rezar um terço, enquanto uma pequena cruz era fincada sobre a cova do menino. Osório chamou o caçador para o lado.

- Obrigado por ter achado Nanico pra nós, Divininho. Se você quiser, pode ir caçar a onça agora.

- E o assassino?

- Tenho uma ideia de quem seja. Vou lá no roçado agora mesmo.



- Mas o que foi que aconteceu? Pra que a espingarda?

O grupo de homens pisou o chão vermelho de terra revirada, alcançando Ganga e mais seis homens terminando uma tarefa no final do roçado. A espingarda foi apontada a ele.

- Osório?! O que é isso? – exclamaram todos.

- Pode confessar, Ganga. Você matou o Nanico.

O homem fez uma expressão de espanto.

- Mas que ideia é essa, amigo?

- Vamos, assassino, fala logo! Não quero te matar sem uma confissão.

- Você está enganado, amigo. Eu só sei que o menino sumiu.

- Foi encontrado a pouco, morto a facadas.

- Mas eu só tenho um canivete. E como pude fazer uma coisa dessas se eu trabalho o tempo todo?

Um dos companheiros que estava ao lado de Ganga adiantou-se.

- Isso é verdade, Osório. O menino sumiu de tarde e o Ganga estava com a gente.

Outro disse:

- Abaixa a arma, Osório. Pra fazer uma coisa dessas é preciso ter provas. Ou você tem?

- Não, eu não tenho provas, mas tudo indica que foi ele.

Ganga deu um passo à frente.

- O amigo está enganado a meu respeito. Sou de paz. Quando Ramiro procurava o menino, me encontrou descansando na rede. Não foi, Ramiro?

Osório olhou para o lado. O companheiro balançou, positivamente, a cabeça.

- Tinha acabado de escurecer. Ele se ofereceu pra ajudar na busca.

A arma foi abaixada e Ganga aproximou-se, tocando o ombro do líder.

- Obrigado por entender que não fui eu, amigo. Sei que estou sendo útil e que fiz muitos companheiros aqui, mas se quiser eu vou embora. Nada mais justo, pois foi o amigo que me acolheu.

Todos olharam para Osório, esperando sua decisão.

- Quero ver primeiro sua sacola. Preciso saber o que tem nela.

- É sua, amigo. Está ali no galho da árvore.

A faca e o veneno, que Osório supunha encontrar, não estavam entre os pertences daquele homem. O material foi novamente recolhido e a sacola estendida a ele.

- Sua sacola. Desculpe ter me enganado.

- Obrigado, obrigado.

- Trouxe uma barraca lá da cidade pra você. Com a chegada de minha esposa, penso que é melhor você ter o seu espaço.

- É muito justo, amigo.

Voltaram todos juntos do roçado. Ganga recebeu a barraca e foi armá-la em lugar sugerido por Ramiro, do outro lado do acampamento. Luzia estava preocupada com a ausência do marido.

- Você não me disse aonde ia.

- Fui tirar uma dúvida. Já tá tudo certo. Pra que esse plástico?

- Estava fazendo a casinha para o banho. Ontem não foi fácil lá no córrego. Tem que pôr alguém vigiando.

Osório retratou-se:

- Desculpa não ter feito ainda pra você. Desde que cheguei, aconteceu tanta coisa.

Luzia percebeu o olhar de desânimo do marido.

- Não fique assim, meu bem. Um bom banho quente vai lhe dar forças. Enquanto você termina a casinha, eu vou pôr água pra esquentar.

O rústico banheiro consistia em quatro estacas fincadas, envoltas por um plástico preto. Não havia cobertura. A água era colocada numa lavadeira e despejada no corpo com o auxílio de uma pequena vasilha, geralmente um litro. Havia vários desses banheiros pelo acampamento, quase sempre usados pelas mulheres, já que os homens preferiam o banho no córrego.

Aquele dia agitado traria, ainda, mais uma surpresa. Era quase meia-noite quando os caçadores retornaram. Divininho chegou à frente

escoltado por seus cães. Uma média de dez homens havia participado da caçada e chegaram todos sorridentes. Osório aproximou-se.

- Pela cara de vocês, a tal onça se deu mal.

- Com o Divininho no encalço, nenhuma delas tem chance – disse um dos companheiros, sorrindo e jogando um embrulho aos pés do líder.

- O couro da onça. Meu Deus, como ela era grande!

- Era enorme! Não dava para trazer, mas o couro tá aí. Agora você pode ficar descansado.

Osório agradeceu, apertando a mão direita do caçador.

- Obrigado, Divininho! O couro é seu. Você merece esse troféu.

- Sem meus filhotes e os companheiros, eu não havia conseguido. Aliás, foi seu irmão quem deu o primeiro tiro. E certo!

Zeca levantou a espingarda, comemorando. Logo em seguida, os caçadores foram se dispersando, cada qual à procura de sua barraca. O irmão de Osório também se despediu.

- Vou chegando. Irene morre de medo de ficar só com os meninos à noite.

O homem saiu e Osório dirigiu-se ao caçador.

- Luzia já tá fazendo a janta. E vai preparar um banho pra você.



tempo. A chuva iria demorar, mas já estava se formando aos poucos. Sabrina, debaixo da árvore ao lado da casa, olhava isso tudo, mas nada via. Seus olhos abertos e parados no tempo tinham para si um mundo próprio. Um mundo de solidão, de total abandono; um céu todo cinza de horizonte negro. Havia experimentado o sentimento de querer e não ser lembrada. Havia descoberto dentro do coração um fogo que ardia dia e noite, que não deixava dormir, que fazia sua vida a mais triste de todas as donzelas das fazendas e da cidade. Para se desvencilhar do transe que a prendia, só a visão de um cavaleiro aparecendo sobre o morro; um cavaleiro de cabelos pretos, botas prateadas e sorriso de incomparável beleza. Deveria ser, no entanto, uma visão diferente daquelas que imaginava; que a sua mente sonhadora criava para acalmar um pouco a falta de ar que sentia. Deveria ser uma visão real...

- Léo! Será que posso acreditar? Será ele?

A moça esfregou os olhos, mas a figura do cavaleiro não se desmanchou como das outras vezes. Correu em direção ao pequeno curral, mas Roberto usava o cavalo para levar almoço ao pai no roçado. Iria correndo, então, mesmo que ao chegar Leonardo não estivesse mais à espera. O importante é que ele veio à sua procura. Ele também havia sentido saudade.

- Mãe, vou no matinho.

- Por que não vai na casinha?

- Não, mãe. Já estou indo.
- Se demorar, a comida esfria.

Sabrina correu alcançando a trilha que se perdia no cerrado. Trocava os passos com todas as suas forças, esperando encontrar o rapaz ainda por lá. Nesse momento é que notou a real distância de sua casa até ao morro. A cavalo parecia bem mais perto. O capim caído sobre o caminho batia doído em suas pernas, mas ela não sentia. O vento colava sua saia ao corpo e jogava seus cabelos para trás. Chegou, enfim, à curva da trilha que contornava o morro. Estava perto agora e instintivamente diminuiu os passos, dando a si a oportunidade de controlar o fôlego. E... lá estava ele. Do jeito que sonhara todos esses dias. A cena agora era verdadeira. O cavalo amarrado numa árvore e o rapaz sentado numa pedra com uma flor vermelha nas mãos. Era tudo tão real que suas pernas não mais a obedeceram e ela parou, ainda ofegante.

- Léo!

O rapaz, então, levantou e se aproximou, tendo à frente a flor vermelha.

- Pensei que você não viria...

- Meu irmão está usando o cavalo. Vim a pé.

A rosa foi estendida à moça.

- Trouxe pra você. Aceite como símbolo de minha saudade.

Ela pegou a rosa e suas mãos se tocaram.

- Sabrina...

O abraço foi inevitável. Sabrina sentia aquelas mãos fortes outra vez em sua cintura; e Leonardo, a maciez daqueles cabelos e o pulsar ardente do coração da moça, encostado em seu peito. Dois rostos apaixonados ficaram frente a frente.

- Meu Deus! Seu coração está pulando no peito.

- Achei que não ia mais te encontrar aqui.

Dizem que o primeiro beijo não se esquece. Nem o segundo, nem o terceiro, se o amor for verdadeiro. Beijos de saudade, beijos de ternura. Sentaram-se à sombra de uma árvore. De frente um para o outro, ligados pelo toque suave das mãos, revelaram toda a ansiedade vivida nos últimos dias.

- Nunca pensei de verdade que você ia voltar, mas ficava sempre lá em casa olhando aqui pro morro. Meu coração não me deixava fazer outra coisa.

- Eu tinha receio de vir aqui. Não suportaria a dor se você não quisesse me ver. Mas o meu amor foi mais forte que o medo.

- Aquele dia...

- Aquele dia, eu tive a certeza de que você era a mulher da minha vida.

- Era o que eu ia dizer. O homem da minha vida, é claro.

O rapaz sorriu e roubou outro beijo daqueles lábios quentes. Outro beijo que não seria esquecido. A moça arregalou os olhos.

- Nossa!

- O que foi?

- Minha mãe. Já deve estar procurando por mim.

- Vamos, então. Vou te levar até lá perto.

Sabrina foi erguida e colocada na garupa do cavalo. Leonardo subiu e segurou com a mão esquerda os braços da moça em volta da cintura. Antes de sair do cerrado, Sabrina desceu.

- Quando vou te ver de novo?

- Em três dias. Nesse mesmo horário.

- Te amo!

- Te amo!

- Sabrina!!

- Minha mãe.

O sol da tarde queimava o capim seco em volta do rancho. Algumas galinhas ciscavam, remexendo o lixo do terreiro. Um preguiçoso cachorro dormia na sombra de uma moita de bananeiras. Após o mangueiro, um homem baixo mas de ombros largos limpava um dos seus canteiros de mandioca. O chapéu escondia seu rosto, enquanto a enxada subia e descia num ritmo compassado, ferindo o chão. Era Geraldo, um dos rancheiros mais distantes do acampamento. Sua esposa não estava bem e, por isso, ele não fora ao roçado.

- Vem descansar um pouco, Geraldo. O sol tá muito quente.

- Não é este solzinho que vai me derrubar, mulher.

Confiando em si e em sua força, o homem havia dispensado a proteção dos companheiros do acampamento. De casamento recente, vivia sozinho com sua esposa.

- Geraldo!

- Que foi agora?

- Tá chegando gente.

O chapéu foi levantado com as pontas dos dedos e aquele rosto moreno voltou-se para o lado. Por um estreito caminho, surgiram quatro cavaleiros.

- Cachorro preguiçoso. Nem pra dar o alarme. Traz a espingarda aí, mulher.

De arma em punho e chapéu nas costas sustentado por um cordão, o rancheiro esperou a chegada dos visitantes que se enfileiraram frente à pequena cerca de arame. Três deles, homens maduros, de feições firmes. O quarto componente do grupo era mais jovem, mas também mostrava certa experiência. Sua bota brilhava ao sol.

- O que vocês querem aqui no meu rancho?

- O rancho pode ser do senhor, mas as terras são do nosso patrão. E ele não quer ninguém por aqui. O senhor está contra a lei.

- Nada disso. Estas terras estão em litígio. Não pertencem mais ao seu patrão.

Outro cavaleiro respondeu:

- Olha aqui, moço. Não queremos contrariar o seu ponto de vista, viemos dar um recado. O patrão não quer invasores em sua terra. Pega sua família e volte para o acampamento.

- E quem vai me tirar daqui? Vocês quatro? – ameaçou Geraldo, levantando o cano da arma.

- É o bastante, moço. Mas hoje não viemos pra isso. O senhor tem uma semana. É o recado do patrão.

O cavaleiro virou sua montaria, seguido pelos três companheiros. A esposa do rancheiro aproximou-se, tocando seu braço.

- Você viu? Eles estavam armados...

- Eu derrubava uns dois, antes deles pegar no revólver.

- É, mas eu fiquei com medo.

- Não precisa se preocupar, é só ameaça. Ameaçaram o Anselmo também.

- Mas nós dois estamos sozinhos. Você não quis proteção.

- E eu ia querer alguém aqui em casa, atrapalhando a gente? Pra nos proteger basta esta espingarda.

- Mas...



- É, você observou bem. É que alguma coisa me diz que ele é o assassino. Se fosse embora, não ia ter jeito da gente fazer justiça. Vamos ficar de olho nele.

- Será que não foi obra daqueles quatro cavaleiros, pra assustar a gente?

- Não, não. Eles atacariam as cabanas longe do acampamento. Não foram eles.

- Mas eu acho que a gente devia fazer outra coisa...

- O quê?

- Avisar a polícia da morte do Nanico.

- Não, aí assustaria ele de vez. E a polícia mal dá conta das coisas da cidade. É melhor, aqui, a gente fazer as nossas leis.

Chegaram à orla da mata. Pararam um instante sem saber a direção.

- E agora? Por onde? A gente podia ter trazido alguém que viu o lugar.

- Não era preciso. O Divininho falou que é só entrar uns 20 minutos na mata.

Desmontaram e amarraram os cavalos numa sombra. Caminharam por algum tempo. De repente, Osório parou.

- O que foi?

- Este barulho. Tá ouvindo?

- Estou agora. É uma motosserra.

- Estão lá trabalhando. É nessa direção.

Caminharam por mais alguns minutos, enquanto o ruído da máquina era cada vez maior.

- Agora, silêncio. É logo ali.

Escondidos a uma distância prudente, viram tombar uma das árvores.

- Madeira!!!

- Eles estão derrubando mesmo a mata.

O trabalho continuou intenso sob a observação dos dois homens. Não havia como se aproximar sem serem vistos.

- E agora? Como vamos tirar as fotos?

- Não sei. Vamos mudar de posição.

Voltaram na mata e chegaram do outro lado.

- Não adiantou. Tem sempre alguém por perto.

- O jeito é esperar o final do dia. Vamos ficar um pouco mais distantes.

A rosa vermelha havia sido colocada num copo de água. Fazia um dia e ainda estava linda, de cores vivas. Neste momento estava do lado de fora da casa, debaixo de uma árvore, atentamente observada por dois olhos apaixonados. Sentada sobre um tapete estendido ao chão, Sabrina ainda lutava para acreditar na doce realidade que estava vivendo. Acostumada aos constantes sonhos, por vezes não sabia definir se os beijos e abraços recebidos, as palavras de amor ouvidas faziam mesmo parte de sua lembrança ou eram apenas retalhos de felicidade criados pela sua imaginação. A flor era o seu Norte, a prova viva de sua felicidade. Suas pétalas macias e cheirosas

exalavam a certeza de que era real toda a emoção que invadira repentinamente sua vida. Uma emoção indescritível que fazia rir, fazia chorar. Uma emoção sem tamanho gerando dentro de si o desejo, a vontade de muito mais.

- E aí? Não vai me contar onde arranjou essa flor?

- Oh, mãe! A senhora me assusta.

- A culpa não é minha. Você vive sonhando. E a flor?

- Eu já disse. Achei no mato.

- Sabrina, dessas flores não tem no mato. Você estava com alguém, por isso demorou tanto voltar.

A moça ficou em silêncio.

- Minha filha, e o nosso pacto? Combinamos que nunca haveria segredos entre nós. Esqueceu?

- Não, mãe, não esqueci.

- Então, quem você foi ver no morro?

- Foi... o Léo.

- Ah, esse tal de Léo. Então não era apenas sonho.

Sabrina contou à mãe sobre o encontro que tivera e o que estava sentindo.

- Mãe, ele é lindo! Tem um sorriso que derruba qualquer uma. Eu estou apaixonada.

- Que está apaixonada nem precisa dizer, sua cara de boba tá contando pra todo mundo. Mas, você sabe quem é ele?

- Não... só sei que estava com mais três cavaleiros na primeira vez que o vi. Mas ele me ama também.

- Sei. Então é um dos quatro cavaleiros que andam por aí. Seu pai já me falou deles. É gente lá da fazenda, nossos inimigos.

- Léo não é meu inimigo. Ele me ama.

- Meu Deus, isso não vai acabar bem. Quando o seu pai souber...

- A senhora não vai contar pra ele, vai?

- Vou tentar, mas não vai mais sair sem falar comigo.

Irene ganhou um abraço.

- Por isso que adoro a senhora, mãe. Obrigada.

- É, você está arranjando problemas pra nós duas. E não deixe seu pai ver essa flor.

Várias árvores haviam sido derrubadas. As motosserras não tiveram descanso o dia todo. Os galhos eram separados deixando os grandes troncos prontos para o transporte.

- Desse jeito eles vão derrubar a mata inteira!

Finalmente o serviço foi interrompido e os peões foram embora. Osório e Ramiro esperaram mais alguns minutos antes de saírem do esconderijo.

- Vamos lá. Vamos aproveitar a claridade que resta e tirar as fotos.

A tarefa foi cumprida e os dois alcançaram os cavalos na orla da mata quando o sol se escondia no horizonte.

- Vamos embora que estou morrendo de fome.

- E amanhã vamos pro roçado. Tá parecendo que a gente não trabalha.

A tarde do novo dia estava mais quente que de costume. No rancho do líder, Luzia deu banho em seu filho e, enquanto ele brincava com a filha de uma amiga da tenda vizinha, resolveu também se refrescar. Foi ao córrego, trouxe duas vasilhas de água, dirigiu-se para os fundos da cabana e entrou no improvisado banheiro. Tirou a roupa e começou a despejar com um litro a água fria sobre o corpo. O tempo estava mesmo abafado. Nem o costumeiro vento havia aparecido após o almoço. Ela olhou por sobre o plástico preto as árvores em volta. Todas quietas.

- Mas, o que é isso?

Uma cor diferente entre a folhagem de uma árvore mais alta chamou sua atenção.

- Mas, é um homem! Tá me olhando tomar banho.

Realmente, bem camuflado em um dos galhos, alguém observava a mulher. Passada a surpresa, Luzia enrolou-se em uma toalha, saiu correndo do banheiro e entrou na cabana procurando a espingarda.



uma reunião e agora ele mesmo batia forte nas tampas de alumínio. Lembrou-se de Nanico, já que o menino gostava de fazer funcionar o meio de comunicação da comunidade. Era mais um caso que precisava resolver. Tinha que permanecer de olho em Ganga para ter a certeza de que ele era o assassino.

- O que vai ser tratado na reunião?

- Oh, Luzia. Bem, duas coisas. O desmatamento e as visitas dos quatro cavaleiros.

- Por que marcou pra de manhã? E o serviço?

- Agora só falta um eito lá na roça. Aí é só quando vier a chuva.

- Por falar em chuva, precisamos da cruz pra Novena.

- O Ramiro já tá fazendo. Pode ficar tranquila.

- Ah, e quanto ao tarado de ontem? O que vai fazer?

- O Liziário? Aquele é um coitado. Já fez outras coisas assim antes. E você nem tem certeza de que foi ele... Eu tô mais preocupado é com o Ganga. Quando eu não tiver por aqui, fica sempre perto de alguém, e não descuida do Luziano.

- É, você já me falou.

As pessoas foram chegando e se acomodando ao redor da cabana do líder. Enquanto isso, no rancho de Zeca, Sabrina já havia se posicionado embaixo da árvore e observava

atentamente o morro. Este era o terceiro dia após o encontro com Leonardo, e o rapaz havia prometido voltar. Irene, notando a atitude da moça, foi conversar com ela.

- Hoje você amanheceu de olho no morro. Pode dizer o que tá acontecendo.

- O Léo, mãe, disse que viria hoje. A senhora vai me deixar ir lá, não vai?

- Mas, filha, isso é ruim pra nós duas. Quando seu pai souber desse seu namoro, nem sei o que pode acontecer com a gente.

- É, eu sei. Mas não dou conta de ficar aqui sabendo que ele está lá no morro. É castigo demais pra mim.

- Então, se ele vier mesmo, você não demora. E olha o que vai fazer, heim!

- Tá, mãe.

- Menina de sorte! O pai foi pra reunião e levou o irmão – disse Irene a si mesma, voltando pra cozinha.

A reunião havia começado e Pedrão, como sempre, já se exaltara.

- Então o danado do fazendeiro tá mesmo derrubando a nossa mata? Filho da puta!

- É verdade. Eu e o Ramiro tiramos as fotos. Falta só revelar.

Nenzico fez uma graça.

- Olha só o Pedrão, gente: “Estão derrubando a nossa mata!”

- Fica quieto Nenzico. Se a mata não é nossa, também não é dele.

- Há, Há, Há.

Ramiro alertou:

- E estão trabalhando pra valer. Tem um monte de troncos amontoados, prontos pro transporte.

- Depois vocês verão nas fotos – acrescentou Osório. – A clareira já tá enorme.

- E a gente vai ficar olhando sem fazer nada?

- É por isso que eu quis conversar com vocês. Amanhã ou depois eu e o Ramiro vamos à cidade levar as fotos pro Sindicato. O presidente vai tomar as providências.

- Que providências?

- Na verdade esse desmatamento foi até bom pra nós. Essa atitude do fazendeiro pode apressar a decisão do INCRA de comprar as terras e passar pra nós.

- É, isso mesmo!

Pedrao voltou à conversa:

- Tudo bem. Mas enquanto isso o fazendeiro vai tirando a madeira.

- Isso é verdade. Acho que o Sindicato não pode fazer nada pra impedir.

- Então a gente tem que agir. Vamos lá na mata pôr eles pra correr com motosserra e tudo.

- É isso mesmo! Muito bem!!

- Vamos pegar as espingardas!

- Eu vou na frente com meu canivete  
Moretizon – gracejou Nenzico.

- Há, Há, Há.

Osório tentou acalmar os ânimos.

- Pera aí, gente. Vamos esperar pra ver o que o Sindicato diz. Não é bom fazer nada precipitado.

- Eu acho que a gente devia ir lá agora mesmo e acabar com isso de uma vez.

- Não é uma boa ideia, Pedrão. Nós não podemos perder a razão. Imagina se sair tiro e morre alguém?

No momento em que um breve silêncio se faz na reunião, um cavaleiro aparece no alto do morro.

- É ele! – exclamou Sabrina.

- Toma cuidado, heim!

- Pode deixar, mãe.

A moça correu pela trilha em direção ao cerrado. O amor chamava outra vez e os seus passos obedeciam. Ela iria rever aqueles olhos escuros e novamente beijar aquela boca macia. Quanta falta fizeram aqueles beijos nesses três dias! Chegando ao cerrado, uma surpresa: o rapaz veio ao seu encontro e, sem desmontar, estendeu o braço e a ergueu sobre a montaria. Sabrina abraçou-se em sua cintura e juntos cavalgaram até ao alto do morro, ao mesmo lugar dos dois primeiros encontros. Sentaram-se na pedra e, sem nada dizer, jogaram-se nos braços um do outro. Um

longo beijo falou claramente sobre a imensa saudade que sentiam. A felicidade, em forma de flores, voltou a nascer por ali, por entre o capim seco. Ramos verdes de esperança cobriram a trilha, espalharam-se por entre as pedras e subiram a encosta do morro. Era o milagre da paixão, dando vida àquele recanto, antecipando o trabalho da chuva.

- Que bom que você veio, Léo!

- Eu não deixaria de vir. Meu coração não me deu sossego nesses três dias.

Outro beijo.

- Que saudade de sentir em minhas mãos esses seus cabelos longos!

- Que saudade desse seu sorriso!

Mais um beijo.

- Pensei em você a cada segundo.

- Sonhei com você todas as noites.

A reunião continuava tensa. A maioria dos companheiros insistia na urgente defesa da mata.

- A gente devia ir lá pelo menos dar um susto. É só tomar cuidado que ninguém se machuca.

- Vamos esperar, companheiros – insistiu Osório. – Vamos ver o que o Sindicato pode fazer. Quem sabe ele ajuda a gente na preservação da mata também. Quando eu e o Ramiro voltar da cidade, a gente resolve o que fazer. Quem levanta a mão?

As mãos foram levantando-se pouco a pouco até atingir a maioria.

- Tudo bem. Agora vamos passar pro outro assunto. Os quatro cavaleiros apareceram de novo.

- É verdade. Foram no meu rancho – disse Fernandes.

- No meu também – relatou Manoel.

- E agora chegaram no meu – falou Anselmo. – Da última vez, ficaram apenas olhando de cima do morro.

- E no seu, Zé Navalha? Foram lá de novo?

- Foram também. E disseram que eu tinha uma semana pra voltar pro acampamento.

- Falaram isso pra todos.

- No meu eles não foram – comentou Zeca – Talvez não sabem ainda que estamos lá.

- Pode ser – tomou a palavra Osório. – Precisamos resolver o que fazer.

- Eu fiquei com medo – confessou Zé Navalha.

- Eu não vou sair do meu rancho – bradou Manoel.

- Nem eu.

- Eu também não.

- Eu peço que vocês mudem de opinião e voltem para o acampamento. Aqui a gente tá protegido.

- E deixar tudo o que a gente já fez pra trás? Nada disso – resmungou Fernandes.

- Eu acho é que esse fazendeiro tá muito atrevido e precisando de uma lição – completou Pedrão.

O impasse era claro. Osório insistia na volta dos rancheiros para o acampamento.

- O meu medo é que aconteça alguma coisa com as famílias de vocês.

- Que nada! Eles estão é tentando assustar a gente.

- Então, ninguém vai voltar?

- Não!

- E você, Zé Navalha?

- Eu acho que vou esperar um pouco também. Tem rancho mais distante que o meu.

- Na verdade, o rancho mais distante daqui é o do Geraldo. Você não quer voltar pro acampamento?

- Nem pensar. Os cavaleiros nem foram lá – mentiu o rancheiro.

- Tudo bem, então ninguém volta. Mas eu acho que a gente deve reforçar a proteção aos ranchos, pelo menos durante essa semana.

- Isso é certo.

- Eu posso ir.

Ganga, no final da reunião, passa pelo líder e comenta:

- O amigo tem razão. É realmente um perigo ficar distante do acampamento – em seguida vira as costas e Osório o acompanha com o olhar.

O vento bateu nos cabelos de Sabrina cobrindo o rosto de Leonardo. O rapaz aspirou o perfume e fez um pedido.

- Eu não sei mais viver sem esses cabelos lindos que você tem. Promete nunca me deixar?

- Prometo. Mas tem um problema.

- Qual?

- Eu estou prometendo amor eterno a um rapaz que não conheço.

- Isso não é problema. Basta você perguntar. O que quer saber?

Leonardo falou de sua vida, tirando as dúvidas de sua namorada.

- Nossa! Você é filho do fazendeiro!

- É isso aí. Prudêncio Bezerra, meu pai, é dono destas terras todas por aqui.

- É, você é nosso inimigo.

- Eu? Inimigo?

- Minha mãe quem falou isso, mas eu não acho. Estava brincando.

- Claro que eu não sou seu inimigo. Nós não temos nada a ver com essa história das terras.

O rapaz beijou a moça e disse:

- Agora é minha vez. Quem é a minha namorada?

Sabrina sorriu.



- Estão comigo. São poucas, mas nesse tempo quase não tem mesmo.

- Então, vamos lá.

E todos...

- Ave! Ave! Ave, Maria...

Nesse fervor de devoção, fé e esperança, o percurso é iniciado. Mais próximo ao morro, a trilha se estreita e se torna íngreme. Em fila indiana, os fiéis vão chegando e depositando suas orações. A água é despejada no monte de pedras erguido em volta da cruz. O terço é iniciado, enquanto as flores são espalhadas aos pés da imagem do santo.

- Amado Jesus, José, Joaquim e Ana Maria. Eu vos dou meu coração e alma minha...

Cerca de uma hora depois, de volta ao acampamento, alguns aproveitaram para um cochilo; outros cuidavam de suas hortas e pequenos mandiocais. Um grupo conversava e jogava cartas na sombra de uma árvore. O assunto era o de sempre: a necessidade de chuva. Entre eles, mas sempre atento ao seu redor, Osório notou alguém se embrenhar no cerrado, do outro lado do acampamento.

- Alguém entra aqui no meu lugar. Vou dar uma volta.

Passando por trás das barracas, o homem também adentrou ao cerrado.

- Vou ver o que anda fazendo o meu amigo.

Tomando cuidado para não ser descoberto, apertou os passos e logo avistou Ganga que, após atravessar uma horta, chegou à beira do córrego. Osório deu mais uma pequena volta e se escondeu detrás de uma moita de bambus. De lá pôde ver o homem tirar a roupa e se refrescar nas águas de um pequeno poço entre as pedras do riacho. Após alguns minutos, o estranho homem se vestiu e subiu a margem oposta, sumindo entre as folhagens. Osório saiu de seu esconderijo.

- Preciso saber aonde vai.

Aproximou-se do local, mas não o avistou. O barulho das águas cobria os possíveis ruídos. Redobrou a atenção e pisou as primeiras pedras para atravessar o riacho. Nesse momento, um arrepio percorreu suas costas, como se o avisasse de algum perigo. Voltou-se imediatamente e seu rosto não pôde conter uma expressão de surpresa.

- Ganga!

- O que faz o amigo por aqui?

- Eu... pensei em tomar um banho. O tempo está muito quente. E você?

Ganga respondeu:

- Pensei a mesma coisa. Mas, fique à vontade. Já estou voltando ao acampamento.

Antes de sair, disse com um sorriso nos lábios:

- Ainda bem que o amigo não tem inimigos por aqui, não é?

- Como assim? Por quê?  
- É que o amigo foi surpreendido pelas costas.

- É... – sorriu Osório, meio sem graça.  
Quando o homem se afastou, o líder sussurrou às pedras do riacho:

- Ele é muito esperto. Como atravessou o córrego de volta com tanta rapidez? Brincou comigo como se eu fosse uma criança.

Olhando para o caminho de volta, completou:

- O homem é muito perigoso!

No dia seguinte, mesmo preocupado com Ganga, Osório foi à cidade deixando Ramiro zelando por sua esposa e filho. Teria que pousar por lá dessa vez. Iria revelar as fotos e elaborar um plano, com o presidente do Sindicato, para as novas ações do Assentamento São Francisco.

No acampamento, as horas passaram sem novidades. Os homens foram ao roçado e terminaram o serviço. As mulheres lutaram contra o vento e a poeira nas suas tarefas diárias. E as crianças correram por entre as tendas puxando seus carrinhos de brinquedo amarrados em cordões. A noite, porém, seria bem diferente, principalmente para os moradores de uma das cabanas distantes do acampamento. Geraldo havia tratado dos porcos e foi ao pasto buscar seu cavalo. Alcançando uma pequena elevação, avistou os conhecidos quatro cavaleiros que passavam distantes. Pegou o animal,

ficou olhando até que desaparecessem e voltou à cabana. O sol estava quase se pondo quando chegou à porta.

- O que foi, Geraldo? Parece assustado.

- Vi os homens, mas não estou assustado.

- Falaram com você?

- Não. Estavam passando apenas. Não tinham por que parar. O prazo dado por eles ainda não acabou.

A mulher abraçou-se ao marido.

- Eu sei que você não se preocupa, Geraldo, mas essa situação está me deixando com medo. E quando o prazo acabar?

- Aí a gente vê... Não se preocupe, mulher.

- Mas alguma coisa tá me incomodando. Tô com um pressentimento ruim.

- Deixa essas bobagens pra lá e vem cá me dar uns beijos...

Meia-noite. O vento que soprara durante todo o dia havia parado. Somente o cantar insistente de um grilo rompia o silêncio que cobria o rancho. A lua surgiu no horizonte e seus raios tentavam entrar por pequenas frestas na cobertura de palha. A esposa de Geraldo não tinha conseguido dormir. Mantinha os olhos abertos e os ouvidos atentos como se esperasse por algo ruim. Um pequeno ruído próximo a casa...

- Geraldo!

- Hum, o que foi?



- Peguem as espingardas. Vamos vingar o Geraldo. O que estamos esperando?

Ramiro tentava, em vão, conter os companheiros.

- Estamos esperando Osório. Uma atitude dessa precisa da aprovação dele.

- Vingança não precisa de aprovação, precisa de peito! Vamos lá, gente.

- Esperem! Não façam isso!

Sem dar ouvidos ao companheiro, um grupo de 40 homens armados de revólveres, espingardas, machados e facões reuniu-se e, impulsionado pelo desejo de vingança, adentrou o cerrado. Poucos minutos depois, um cavaleiro inicia a subida da estrada que leva ao acampamento.

- É Osório. Graças a Deus!

O homem foi recebido pela esposa Luzia que, rapidamente, narrou os últimos acontecimentos.

- E o Ramiro foi junto tentando acalmar os homens.

- E o Ganga?

- Foi também.

Osório lançou o cavalo em direção ao cerrado.

- Desculpe, amigo. Sei que está cansado, mas é preciso.

O líder alcançou o grupo nas imediações do roçado. Todos pararam com a sua chegada.

- Qual é o problema, gente? O que está acontecendo, Ramiro?

- Ainda bem que chegou, Osório. Os homens estão revoltados. Mataram o Geraldo e sua mulher.

- E os corpos? Onde estão?

- Na cabana deles.

- Então é pra lá que a gente deve ir.

- Já foi um grupo lá pra recolher os corpos.

- Tudo bem – respirou Osório. – mas quem é mesmo que vocês estão caçando?

Vários responderam ao mesmo tempo:

- Os cavaleiros. Aqueles quatro assassinos.

- Mas como vocês sabem que foram eles? É preciso, primeiro, uma investigação.

Pedrao entrou na conversa:

- Desculpa, Osório, eu sei que você é o líder, mas nesse caso não há dúvida. O tempo acabou e eles cumpriram a promessa.

- Nas minhas contas só tem cinco dias, Pedrao.

- E quem mais ia querer matar o Geraldo e incendiar o rancho? Só pode ser o fazendeiro.

- Tudo bem. Tudo indica que foi a mando dele. Eu estou com vocês. Mas antes a gente precisa se organizar.

- Como assim? Nós estamos todos armados.

- Deixa eu explicar. Primeiro: quem ficou no acampamento para proteger as mulheres e as crianças?

Todos ficaram em silêncio. Osório prosseguiu:

- Se o fazendeiro quiser, pode tocar fogo é em nosso acampamento agora. Segundo: a sede é distante e deste lado não tem estrada. É muito fácil a gente se perder nessas trilhas à noite.

O silêncio prosseguiu.

- Terceiro: se a gente matar o fazendeiro ou qualquer um da fazenda, vamos todos presos ou, no mínimo, perdemos o direito às terras.

Mais um instante de silêncio, rompido por Pedrão, menos exaltado agora:

- Mas isso não pode ficar assim, Osório. Mataram um companheiro nosso.

- Você tem razão. Mas primeiro temos que sepultar Geraldo e sua esposa, depois a gente estuda um meio de fazer a nossa vingança sem a culpa ficar nos homens do acampamento.

- Mas como a gente pode fazer isso?

- Não sei, mas tem gente por aí que mata por pouco dinheiro.

Entendendo que conseguira controlar a situação, o líder propôs:

- Vamos fazer o seguinte: a metade do grupo volta para o acampamento. Os outros vão comigo até à cabana do Geraldo pra analisar como aconteceu a morte dele. Certo?

- Certo, Osório. Você manda.

Seguido por vários companheiros, inclusive Ganga, o líder chegou ao local da tragédia. A cabana havia sido incendiada e só restava os escombros cobertos de cinzas. Os dois corpos estavam estendidos ao chão, enrolados pelos costumeiros plásticos pretos. Cinco homens recolhiam os porcos.

- O que vocês descobriram, rapazes?

- Olá, Osório. Os quatro homens tocaram fogo na casa com eles amarrados lá dentro.

- Vocês olharam os rastos?

Os homens entreolharam-se.

- Não. E agora não tem mais jeito. A gente andou pra todo lado aqui.

- Deixa ver.

O líder adiantou-se e caminhou em volta do que restava da cabana. Depois de algum tempo comentou:

- Foi sorte o fogo não ter voado para o pasto. Não devia estar ventando à noite.

- E aí? Descobriu alguma coisa?

- Aqui só tem rasto de um cavalo. Deve ser o do Geraldo.

- Com o fogo, ele rebentou o cercado. João foi procurar. Tá chegando com ele ali.

Osório prosseguiu:

- Tem outra coisa importante: o cachorro foi morto por uma paulada. Está jogado na moita de

bananeiras. E tem rasto de uma pessoa por lá. Deixa eu ver os corpos agora.

Os dois pedaços de plástico foram desenrolados. Os corpos estavam irreconhecíveis.

- É, não dá pra ver nada. Como sabem que eles estavam amarrados?

- Tinha pedaços de corda queimados em volta deles.

Olhando para os companheiros, Osório disse:

- Parece que uma pessoa, e não quatro, chegou a pé através da moita de bananeiras. Matou o cachorro pra ele não dar o alarme, entrou na casa, dominou e amarrou os dois. Depois tocou fogo e foi embora. Alguém tem outra versão?

- Não, parece que foi isso mesmo.

Olhando para Ganga, o líder voltou a indagar.

- E aí? Alguém notou algum outro fato importante?

O homem disse:

- Parece insuficiente uma pessoa apenas para fazer tudo isso. Geraldo era um homem forte.

O líder pensou um pouco e depois olhou fixamente para seu interlocutor.

- A não ser que o assassino seja muito esperto e saiba atacar pelas costas, à traição.

- É, o amigo pode ter razão.

O sol vermelho da tarde era triste. A barragem de fumaça fazia cinzento o entardecer.

Dois caixões desciam na terra seca levando consigo as esperanças perdidas de uma vida melhor, uma vida no campo, de trabalho e de amor. Geraldo tinha vindo do Norte e se casado com a filha de um casal do acampamento. Ninguém podia imaginar um fim trágico como esse para os dois jovens. As lágrimas que caíam em volta das sepulturas eram de revolta e de desânimo.

- Minha filha...

- Tenta ser forte, mulher. Deus quis assim.

Enquanto a terra era jogada sobre os caixões, Osório também confortava sua esposa.

- Eu sei, Luzia, é muito triste perder alguém do acampamento.

- A mãe dela é minha amiga...

O homem deu um longo suspiro.

- É difícil admitir, mas o que mais prospera por aqui é o cemitério. Começou com Nanico e o Perdigueiro, agora os dois...

- É preciso saber quem é esse assassino.

Geraldo olhou para Ganga, um pouco mais afastado, do outro lado das sepulturas.

- Tudo começou quando ele apareceu no acampamento. Não há uma prova sequer, mas algo me diz que é o causador de toda essa desgraça.

- Pode ser um homem do fazendeiro pra fazer a gente ficar com medo, desanimar e ir embora.



- Não sei, Ramiro. Depende da reação de Prudêncio Bezerra.

- Você conhece ele direito?

- Só de vista, lá na cidade. Dizem ser um homem muito sério. Tem muitos capangas.

- O trem vai feder!

- Mas a gente não podia ficar de braços cruzados – disse Pedrão. – Mataram dois dos nossos e estão desmatando as terras.

- O que o Sindicato falou sobre o desmatamento? – perguntou Ramiro. – A gente nem teve tempo de conversar sobre o assunto.

Osório respondeu:

- Não pode fazer muita coisa pra parar o corte das árvores, mas o caso, com as fotos, vai ser um fator decisivo pra gente ganhar as terras. O presidente garantiu. Ah, mas recomendou que a gente não mexesse nas armas, senão podemos jogar tudo fora.

- Estamos correndo esse risco.

- É verdade, mas com a morte do Geraldo as coisas mudam de figura.

A sede da fazenda era grande e bonita. A casa, antiga mas forte, tinha várias janelas e uma vasta área ao redor. Enormes currais e galpões. Em volta, uma cerca pintada de branco e vermelho. Na entrada, duas fileiras de eucaliptos acompanhavam o caminho. Ali, por volta das duas horas da tarde, os sem-terra chegaram trazendo à frente coragem, ódio e armas. O grupo foi logo avistado, e um tiro

disparado para o alto imediatamente organizou a defesa. Vários homens postaram-se, de armas em punho, nos degraus que davam acesso à área. Na porta principal, mais dois pistoleiros ergueram suas espingardas. Foram recebidos pelo capataz.

- O que vocês querem aqui?

- Queremos falar com o proprietário.

- Sou Afonso, o capataz da fazenda. Eu resolvo. Podem falar comigo.

- Insistimos em falar com o dono. Caminhamos o dia inteiro pra falar com Prudêncio Bezerra e não com o senhor.

- Olha como fala, Sem-Terra. Você está em nossa sede. Isso é uma invasão.

- Não estamos importando com o nome que você dá à nossa visita. Não vamos embora enquanto não resolver umas pendências.

O capataz sorriu.

- Vocês estão é correndo perigo. São camponeses e nós, pistoleiros.

Pedrao soltou sua ira, erguendo o cano da espingarda.

- Camponês também sabe apertar o gatilho. Quer ver?

Neste momento, uma figura já de idade, barba comprida, de roupa limpa e bem cuidada aparece na porta. Não portava armas. Sua voz forte, porém calma, interrompeu o perigoso diálogo.

- Essa medição de forças, senhores, não leva a lugar nenhum. Quem é o líder?

Osório adiantou-se.

- Osório é o meu nome.

- Já tinha ouvido falar do senhor. O que deseja aqui com seus companheiros? Já não basta invadir as minhas terras lá do sul?

- Viemos falar de duas mortes, Prudêncio Bezerra. Quem sabe elas estão pesando em sua consciência.

- Mortes? Em minhas terras?

- Um casal morto em uma das cabanas à esquerda do córrego, talvez obra dos seus quatro cavaleiros.

- Não tenho mortes em minha consciência, senhor Osório. Leonardo, o que sabe disso?

O filho do proprietário aproximou-se.

- Nenhuma notícia, pai. Fomos às cabanas e demos o recado. O prazo termina amanhã.

O fazendeiro completou:

- Este é meu filho, idôneo como o pai. Se ele disse que nada temos com o caso, podem acreditar.

- Será que alguém não agiu por conta própria?

- Negativo, senhor Osório. Aqui ninguém descumpra minhas ordens. O assassino está solto por aí, quem sabe aqui mesmo entre vocês.

Um murmúrio surgiu entre os camponeses. Osório voltou ao ataque.

- E quanto ao desmatamento? Já sabemos e viemos dar um aviso.



A volta do esposo só aconteceria tarde da noite e Luzia resolveu cuidar da horta. O sol castigava a plantação e não seria bom passar um dia inteiro sem aguar. Com o filho nos braços, saiu de sua cabana. Puxou a porta, alçou o cordão no prego preso à parede e voltou-se, levando enorme susto. Ganga estava parado a um metro da porta. A mulher agarrou-se ao menino, deixando cair uma vasilha que levava.

- O que o senhor... quer?

O homem abaixou-se, pegando o utensílio.

- Desculpe assustar a esposa do meu amigo.

Luzia acalmou-se um pouco.

- A sua cabana é do outro lado. O que o senhor faz aqui?

- O líder saiu e nos deu a tarefa de vigiar o acampamento. Estava fazendo uma ronda. Mas aonde vai a esposa do meu amigo?

- Pretendo regar a horta. O sol está muito quente.

Ganga sorriu e propôs:

- Ora, então deixe que a ajude. Eu levo a vasilha.

A mulher teve medo e não aceitou a oferta.

- Desculpe, mas meu marido não iria gostar. Eu cuido disso sozinha.

O homem que já havia dado um passo em direção à horta, voltou-se.

- Hum, eu entendo a preocupação da senhora, apesar de não ver fundamento. Mas preciso ajudar de alguma forma a esposa do meu amigo. A minha permanência aqui devo a ele. Deixe ver... então eu cuido do menino enquanto a senhora vai lá. Esperamos aqui mesmo na rede. Dê o garoto.

Ganga colocou a vasilha no chão e estendeu os braços. A mulher sentiu as pernas bambearem. Aquele gesto, aparentemente amigável, parecia querer arrancar o filho de seus braços. O rosto pálido foi rubrando-se aos poucos por uma coragem que sempre a acompanhou nos momentos difíceis de sua vida. Uma coragem que a manteve forte trabalhando na cidade para ajudar na permanência do marido no acampamento. Decisivamente, se negou:

- Nem pensar. O filho é meu!

E caminhou, passando pelo homem.

- A vasilha, minha senhora.

- Ah!

A mulher pegou, com força, a alça do utensílio e adentrou o cerrado. Como esse homem, pensava ela, pôde ser tão atrevido de querer separá-la de Luziano? Isso ela nunca faria. Ele devia saber que uma mãe não se separa do filho. E nessa divagação, percorreu rapidamente a trilha até chegar à horta. Atravessou a plantação ao lado de um canteiro de cenouras, chegando à beira do

córrego. Estendeu um tapete que levava e colocou o menino no chão.

- Fica aí, Luziano, senão você cai aqui no córrego. E seu pai me recomendou mil vezes pra tomar conta de você.

Nesse momento, o medo que sentiu na cabana voltou ainda mais forte. Havia se lembrado dos avisos de Osório a respeito do filho e do perigo que Ganga poderia representar para ele. Só então se deu conta do erro que cometera. Deveria ter ficado no acampamento. Ela havia entendido o interesse do homem pelo menino e mesmo assim se distanciou de todos, vindo ali para o meio do mato onde não poderia pedir ajuda e o barulho do córrego camuflava os ruídos. Ganga, em nenhum instante, se ofereceu para aguar, sozinho, a horta. Não havia dúvida de que ela e a criança corriam perigo naquele momento. A vasilha mais uma vez caiu ao chão. A mulher abaixou e se agarrou ao filho.

- Mamãe?!

De joelhos, olhou em volta a sua solidão. Às costas, o córrego gritando ameaças na voz das águas; à frente, as plantas nos canteiros executavam uma dança de morte no ritmo do vento; mais adiante, a trilha saindo do cerrado por onde fatalmente surgiria o carrasco, de cor parda, trazendo no ombro o machado que daria fim aos seus sonhos, à sua esperança de uma nova vida e, o pior, daria fim à vida de seu filho. Uma sombra

tocou seu joelho e ela voltou-se para ver a copa de uma árvore na beira do córrego dando-lhe adeus. Pensou em correr, mas para onde? Na direção do acampamento fatalmente daria de encontro com seu algoz. Abraçou-se mais forte ao menino e lembrou-se de Osório. Quantas lutas ele havia travado para o bem do acampamento e grande parte de tudo aquilo estava por ruir agora. Sem a mulher e o filho não teria mais forças para prosseguir. E culpa dela que se afastou, de forma impensada, das outras pessoas tornando-se presa fácil para o inimigo.

Seus olhos corriam em volta, atentos a qualquer movimento. De repente, o vento parou. As águas do córrego chegaram devagar e o seu deslize por entre as pedras não fazia mais barulho. Nenhum pássaro cantava. A natureza havia parado para assistir ao macabro espetáculo que estava por acontecer. Luzia continuava de joelhos e agarrada ao filho, sem iniciativa, esperando apenas o cruel desenlace que parecia inevitável. Nesse instante, alguém chamou por seu nome um pouco mais abaixo no córrego. Não era o barulho da água, ela tinha certeza. Levantou-se segurando o menino. Quando a voz repetiu o chamado, a mulher arrepiou-se da cabeça aos pés e respondeu:

- Nanico! Meu Deus do céu!

Não teve dúvidas. Caminhou naquela direção, desceu até as pedras, atravessou o córrego. Parou por um instante olhando em volta sem saber

aonde ir. O vento voltou a soprar e as águas voltaram a correr. A mulher começou a se desesperar, mas a voz apontou novamente o caminho. Luzia correu dentro do mato, roçando-se nas folhas. O menino assustou-se e começou a chorar.

- Não chora, Luziano.

A mulher prosseguiu por mais alguns metros margeando o córrego. Subitamente a voz sumiu e ela pôde ver uma cena que encheu de alegria seu coração. Três senhoras lavavam roupas, e várias crianças brincavam na água mais abaixo. Era tudo o que ela pedia a Deus. Parou por um instante, respirou profundamente e desceu até lá.

- Luzia, o que estava fazendo aí no meio da saroba?

- Eu, eu fui regar a horta e resolvi voltar por aqui.

- Mas aí tem carrapato.

- Eu sei.

- O seu menino parece que tava chorando...

- Ele assustou, mas tudo bem. Vou esperar vocês terminarem pra gente voltar juntos.

Luzia sentou-se numa pedra e observou a paisagem em volta. Do outro lado do córrego, a uma boa distância, pôde ver de relance uma figura que sumia entre as folhagens. A cor de seus cabelos era inconfundível. A mulher falou só para si:

- Não foi dessa vez, seu assassino!

Voltando-se para o mato às suas costas, completou:

- Obrigada, Nanico. Devo a você a minha vida e a vida de meu filho.

Osório e os companheiros chegaram por volta das dez horas da noite. Luzia, ainda com medo, estava em companhia da esposa de Ramiro. Ao chegarem à cabana, a mulher narra o acontecimento. A reação do líder foi imediata. Levantou-se, retirando a espingarda da parede.

- Vou lá acabar com esse cara agora mesmo!

Luzia segurou seu braço.

- Não faça isso. Não quero que você mate alguém.

- Como não, mulher? Ele ia matar você e o nosso filho.

- Eu sei, mas a nossa vida aqui tem de ter paz sem você sujar as mãos de sangue.

O homem abaixou a espingarda.

- É, você tem razão, mas não há outra solução. Tenho que dar um fim nele antes que mate mais alguém.

- Manda ele embora.

- Não, isso não. Eu quero que ele pague pelo que fez. Nanico e os outros não podem ficar sem justiça. Amanhã cedo vou chamar a polícia. Nós não temos prova contra ele, mas o delegado vai saber o que fazer.



- Não sei, não. De qualquer forma, minha família fica mais tranquila aqui.

- Tem toda razão. Mas, para mim, o problema das mortes não tem nada a ver com Prudêncio Bezerra. Achei ele muito sincero.

- Mais tarde alguém precisa me ajudar a buscar as coisas. Não tenho carroça como o Manoel.

- Eu dou um jeito – completou Osório.

Manoel, no entanto...

- Eu resolvi foi voltar para a cidade.

- Pra cidade? Depois de três anos junto com a gente?

- Eu disse pra minha mulher que você não ia gostar. Não é bom diminuir os companheiros, eu sei. Mas é que estou meio doente e essas mortes... você entende, não?

O líder não insistiu.

- Eu entendo, meu amigo. Não precisa se preocupar. E eu te acompanho. Preciso ir à cidade também.

Deixando Luzia em companhia de Ramiro e sua esposa, Osório acompanha Manoel, ajuda a organizar sua acomodação na cidade e vai à delegacia. O delegado, analisando a situação, resolve enviar um policial civil ao local para fazer uma investigação. Disfarçado de camponês, Charles acompanha Osório no outro dia cedo ao acampamento. No caminho, conversam.

- Você está mesmo parecendo um camponês...

- Eu já morei em fazenda antes de entrar pra polícia. Conheço as manhas.

- Será que vai dar certo?

- A investigação? Quase sempre esse método dá resultados. Não revele a ninguém minha identidade e deixe o resto comigo.

- Posso contar à minha esposa? Ela tá muito preocupada.

- Nem a ela. Diga a todos que eu vou ajudar na roça e, se der certo, fico na vaga deixada por Manoel.

- Tudo bem.

A escolha das vítimas não é uma tarefa simples. Ao contrário, é uma atividade meticulosa, que requer tempo e observação. É preciso saber o alvo, a hora e o local exatos. Somente assim, com tudo planejado, com a certeza do sucesso, é que se deve sair para a caçada. Matar por matar não tem graça; o bom mesmo é fazer funcionar a máquina da morte, sentir as engrenagens rangerem sem a possibilidade de falhas, colocar a vida em pânico e ver o sangue esguichar de início e depois calmamente correr aprovando o golpe final, lubrificando as peças, dando vida à morte. O medo da vítima deve ser completo, sem um só pequeno indício de salvação. Os olhos arregalados devem transmitir o pavor do último instante, mas também

a reverência, a admiração pela cena montada, pela beleza do palco mórbido e fatal.

Nesse trabalho de organização, às vezes é preciso andar longas distâncias, cruzar cerrados, fazer novas trilhas, subir morro e se esconder entre as folhas e troncos do mato. Às vezes é preciso esperar uma hora, duas horas até aparecer, finalmente, um jovem cavaleiro que desmonta e amarra sua montaria, senta-se numa pedra, passa as mãos pelos cabelos como se estivesse preocupado com a aparência e fixa seus olhos no caminho que dá acesso ao morro. Um cavaleiro de botas prateadas, mostrando-se apreensivo de início, mas depois abrindo um largo sorriso ao ver surgir na encosta do morro, enfeitando o verde das árvores, a pele morena de uma donzela que em passos largos deixa seus cabelos para trás, mas não consegue conter seus desejos que chegam à frente. O longo beijo demonstra a loucura pela vida, a necessidade da luz do dia para acalmar a força da paixão. Amor e vida são feitos do mesmo material; se agarram e se misturam, precisam um do outro para sobreviver. Amor e vida, homem e mulher, sonho e esperança, tudo isso só pode ser chamado de felicidade. Eis aí o alvo perfeito. O que mais a morte pode querer? Quão belo seria ver o fim de tanta ventura! Seria um momento inigualável, um êxtase indescritível ver o véu negro da morte cobrir aos poucos esse cenário, levando todas as manifestações de vida, carnais ou não, para a

morada eterna. Seria mais uma vitória das trevas sobre a luz. Agora? Ainda não. O momento perfeito chegará. A paciência é a maior aliada da morte. Por que não agora, quando a moça se afasta e o rapaz fica sozinho, parado, em transe pelas recentes carícias? Não! Devem morrer juntos, vendo o sofrimento do outro. Devem conhecer o demônio nos olhos que viram nascer a felicidade. Só assim a morte será perfeita, digna de um artista das trevas, como espera o Anjo Negro das Sombras. Não, ainda não...

Nada é mais esperado no campo do que as primeiras chuvas. As pequenas nuvens vão se formando dia após dia, se ajuntando dia após dia até conseguirem uma boa espessura e uma coloração escura na parte de baixo. Todo esse ritual da natureza é acompanhado por inúmeros pares de olhos dia após dia, esperando calmamente que as nuvens amadureçam e finalmente deixem cair sobre a terra quente e sedenta os primeiros pingos da mais pura água que existe: a água do céu. A alegria de todos que vivem no campo é imensa, mesmo que as primeiras chuvas sejam ainda tímidas e insuficientes para aclamar a sede da terra.

- Sabrina! Ainda bem que chegou. Se tivesse chovido mais forte, seu pai chegaria da horta e iria perguntar por você.

- Já estou aqui, mãe. Disse que não ia demorar.

- Tudo bem, mas acho que você tá arriscando. Seu pai não tá indo pro roçado.

- Mas eu não podia deixar de ver o Léo, mãe. Mesmo que só um pouquinho.

- Na verdade, filha, seu pai precisa saber dessa história.

- Léo já falou em vir aqui, mas eu tenho medo. Meu pai não vai deixar eu namorar o filho do fazendeiro.

- Quem sabe ele acaba aceitando...

- Ele vai é me proibir de sair de casa. E eu não vou mais ver o Léo.

A chuva chegou também no acampamento. Os rostos voltados para cima, de todos aqueles ajoelhados em volta da cruz no alto do morro, é que receberam os primeiros pingos. A fé, mais uma vez, havia dado prova de sua força. Era o último dia da novena. As preces foram atendidas.

- Aleluia! Deus seja louvado!

- Viva São José! Viva todos os santos!

- Viva!!!

A água lavou a poeira das barracas e molhou gostosamente o chão. A esperada enxurrada não aconteceu, mas o teimoso calor fugiu por instantes para alguma parte do cerrado. Os componentes da novena chegaram todos molhados.

- Até que enfim! Eu já estava com saudade de um barulho de chuva.

- É verdade, Osório. A novena nunca falha. Hoje é o nono dia.

- E a plantação? Já dá pra começar, Ramiro?

- Ainda não, Charles. É preciso deixar a chuva firmar primeiro. Temos que esperar mais uns 15 ou 20 dias.

- Vocês têm alguma máquina? Um trator?

- Que nada. Aramos com os cavalos e vamos ter que usar a plantadeira manual. Como nos velhos tempos.

Quando a chuva se afasta, uma figura, do outro lado do acampamento, adentra ao cerrado. Charles, observando todos os movimentos também se afasta. Ramiro comenta:

- Esse homem é muito inquieto. Não para em lado algum.

- Ele disse pra não contar, mas de você não há como esconder. Ele é um policial. Tá de olho no Ganga.

- Ah, por isso que ele pareceu conhecido. Vamos torcer pra dar certo.

- Eu espero. Toda manhã acordo preocupado com medo da notícia de mais uma morte.

- Quem mais sabe dele?

- O Nanico, o Perdigueiro...

- Uai, como assim?

- Ah, desculpa. Tava lembrando de quem já morreu. Só sabe dele você e a Luzia. Ela tava muito preocupada.



São Francisco de Assis, nosso santo protetor. No primeiro mistério...

Escorado numa árvore, a dez passos do local, Ganga assistia. Charles, o policial, aproveitou o momento para conhecer melhor o suspeito assassino.

- O companheiro não vai participar?

- Oh, não. Hoje não, amigo.

- Não é devoto?

- Minha família, bem distante daqui, é toda religiosa. É que me deu uma dor de cabeça à tarde. Já estou pensando em ir pra minha barraca.

- Se não se importar, eu o acompanho.

- É muita gentileza do amigo. Vamos andando então. Tem gostado da nova vida por aqui? Aliás, ainda não me disseram seu nome.

- Charles.

- Pode me chamar de Ganga. Se esquecer, é só olhar nos meus cabelos.

- Ah, Ah, Ah. O companheiro é divertido.

- Vou me dar bem com o amigo...

No final do terço, foi servido biscoito de queijo e o tradicional café. Alguns rancheiros resolveram pousar no acampamento. Zeca e Fernandes insistiram na volta aos seus ranchos.

- É melhor vocês fazerem como os outros. Não é bom andar por aí à noite com a família.

- Comigo não tem problema, Osório. Eu trouxe a espingarda – argumentou Zeca.

- Eu vou com o Zeca até ele atravessar o córrego. São poucos metros depois – acrescentou Fernandes.

- Mesmo assim não fico tranquilo. Vou com vocês. Pouso na casa do meu irmão.

- Tudo bem. O líder manda.

Ramiro também se ofereceu e acompanhou os rancheiros. No córrego, continuou em companhia de Fernandes, enquanto Osório, Zeca e a família atravessaram o curso d'água. Nas cabanas, antes do sono chegar, uma boa conversa é inevitável.

- Eu não me canso de dizer que estou muito preocupado com vocês aqui distante do acampamento.

- Eu acho que a sua preocupação com a gente não tem sentido. Os quatro cavaleiros nem passaram por aqui.

- Isso é estranho, Zeca. Eles foram dar o aviso em todas as cabanas, menos a sua. Por que será?

Sabrina arrumava sua cama como se não ouvisse a conversa.

- De qualquer forma, não acho que o perigo vem dos cavaleiros – disse Osório.

- Já sei. Você pensa que o assassino é o Ganga.

- Isso mesmo. Eu devia ter mandado ele embora aquele dia no roçado.

- Se for ele, não ia adiantar. Escondido no mato, continuava matando.

- Pensei isso também.

- Por que, mesmo, você acha que foi ele?

- Antes eu tinha apenas suspeita, mas na última vez que fui à cidade, ele seguiu Luzia até à horta. Ela deu sorte. Correu e encontrou algumas mulheres lavando roupa no córrego.

- Luzia viu ele?

- Disse que viu, no meio das folhas do outro lado do córrego.

- Pode ter sido só medo dela. As mulheres são muito medrosas.

- O que importa é que não é bom os meninos sair do rancho sem vocês. É preciso ter cuidado.

Roberto, filho de Zeca, entrou na conversa:

- A Sabrina não tem medo. Já foi no morro sozinha.

- Como assim? Fazer o quê? – indagou o pai.

- Não sei o que ela foi fazer. Diga aí, Sabrina.

A moça, já com o coração acelerado devido ao rumo da conversa, permaneceu em silêncio. Irene tenta ajudar:

- Não foi nada importante. Amanhã ela te fala.

- Que história é essa de amanhã? Quem tá aqui é meu irmão. Pode ir falando, mocinha.

A moça começou a chorar, deixando para a mãe a explicação.

- Você tem razão. Sabrina arranhou um namorado lá no morro. Já foi lá algumas vezes.

- Um namorado? E você não me diz nada, mulher?

- Eu esperava resolver o caso sem te incomodar.

- Essa é boa! Ela sempre te dobra. E como ela pode ir namorar em cima do morro? Lá tem uma cidade cheia de rapazes? – ironizou o homem.

- É um dos quatro cavaleiros – disse Irene.

- É o filho do fazendeiro – criou coragem Sabrina.

O pai da moça calou-se por instantes devido à surpresa. Aproveitando a pausa, Osório comentou:

- Taí a explicação dos quatro cavaleiros não terem te incomodado.

- É verdade. Mas ela não vai mais lá, não vai não. Você tá proibida de passar por esta porta. E amanhã a gente acerta tudo, mocinha.

Sabrina se joga na cama, encobre o rosto com a coberta e prossegue o choro. Osório volta a falar:

- Mais um motivo pra você voltar pro acampamento.

- É, começo a pensar que você tem razão. Além do Ganga ainda tem essa história.

- E quanto ao fazendeiro, analisando melhor a situação, ele deve fazer alguma coisa. Matar acho que não, mas deu um aviso e parece ser um homem de palavra.

A previsão de Osório começa a se concretizar na manhã do dia seguinte. Despedindo-se do irmão, dirigiu-se à cabana de Fernandes para, junto de Ramiro, voltar ao acampamento. Chegando ao córrego, avistou sinais de fumaça naquela direção. Empunhando a espingarda, apressou o passo até à orla do cerrado, de onde pôde compreender o que se passava. Os quatro cavaleiros haviam rendido os moradores, retirado os seus poucos pertences para o quintal e ateadado fogo na cabana. Ramires segurava Fernandes, evitando uma reação. Osório deu uma pequena volta e chegou até ao tronco de uma árvore mais perto do local, no momento em que os agressores se preparavam para irem embora. O líder não hesitou. Efetuou um disparo atingindo um dos cavalos, que se contorceu no ar, jogou ao chão seu cavaleiro e correu para o cerrado.

- Vamos embora – gritou um deles. – Já fizemos o trabalho.

O homem que foi ao chão pulou imediatamente na garupa de uma das montarias e partiram. Osório saiu de seu esconderijo, disparando várias vezes na direção dos seus

inimigos. O capataz da fazenda que havia ficado um pouco para trás cobrindo a fuga dos companheiros, sacou o revólver revidando ao ataque. Um tiro atingiu a perna direita do líder que caiu a poucos passos de Ramiro.

- Osório!

Pegando a espingarda no chão, Ramiro ainda fez um disparo na direção dos homens em fuga. Quase ao mesmo tempo, Fernandes e a mulher tentaram socorrer Osório que estava ajoelhado ao chão.

- Onde você foi atingido, homem?

- Na perna. Mas primeiro tentem apagar o fogo. Quem sabe ainda dá tempo.

- É inútil – disse Ramiro, depois de se certificar da fuga dos seus agressores. – O fogo já se alastrou. Eles usaram gasolina.

Osório foi levado para a sombra de uma árvore. A calça foi cortada por um canivete, mostrando a perna coberta de sangue.

- É preciso lavar. Vou pegar água.

- Vou ver se o álcool ficou de fora.

- Tá doendo muito?

Ouvindo o crepitar do fogo e sentindo o calor das chamas quando o vento mudava de direção, o líder acompanhou os amigos nos cuidados com a ferida que, felizmente, não era séria. A bala havia atravessado a perna, o que minimizava o problema.

- De todo jeito precisa ir à cidade. Um médico tem que ver isso de perto.

- Talvez seja melhor eu ir buscar o doutor – sugeriu Ramiro.

- Boa ideia.

Osório fez uma análise da situação, contendo um gemido de dor.

- De imediato, temos três problemas: buscar o doutor, levar as coisas de vocês para o acampamento... Ai!

- E o terceiro?

- Avisar os outros rancheiros da intenção do fazendeiro.

- Ah, os cavaleiros deixaram um recado.

- Qual?

- Se você não entregar as fotos, eles vão incendiar o acampamento também.

- Então o fazendeiro quer as fotos? Tudo bem, posso dar as cópias pra ele, as outras já estão no sindicato. Ai!

- Vamos logo te levar pra casa. Aguenta subir no cavalo?

Fernandes comentou:

- Se o Ramires não me segura, talvez a gente tinha evitado tudo isso.

- Ramires fez certo – disse o líder. – Eles eram quatro e estavam armados. Foi melhor assim, já teve até tiros demais.

- É, foi um autêntico tiroteio. Como nos filmes de “cowboy”.



iria vê-lo. A paixão que sentia havia tomado todo o seu coração; nada mais importava na vida, a não ser os beijos e abraços daquele que lhe trouxe a felicidade. Se Leonardo aparecesse, iria desobedecer seu pai e sua mãe; se fosse necessário, fugiria de casa.

Dizem que a vontade tem força criadora, que o desejo verdadeiro e intenso tem o poder de materializar os pensamentos. Basta se concentrar na imagem desejada, encher o coração de esperança e pedir. Inevitavelmente, os céus fazem cair na terra tudo aquilo que se precisa. Pronto! Lá está ele, o cavaleiro sobre o morro, sua bota brilhando ao sol.

- Mãe, preciso ir no matinho.

- Não senhora. Se quiser, vai na casinha. Seu pai deixou bem claro.

- Onde ele está?

- No mandiocal e vai voltar logo.

- Tá certo, tá certo.

A casinha ficava a dez passos da casa. Seguida pelo olhar da mãe, a moça entrou e fechou a porta. No instante em que Irene voltou à cozinha, saiu, puxou a porta e correu para o cerrado. Quando alcançou o namorado, estava quase sem fôlego.

- Meu amor, por que correu tanto?

- Léo... meu pai ficou sabendo de nós.

- Tudo bem, fica calma agora. A gente vai falar com ele.

- Ele não quer. Repetiu isso várias vezes.  
E disse que vai voltar pro acampamento.

- Mas a gente não ameaçou ele.

- Eu sei, Léo. Ele até me proibiu de sair.  
Daqui a pouco vai estar aqui me procurando.  
Vamos fugir.

- Fugir? - assustou-se o rapaz.

- É, fugir. Ou você não me ama mais?

- Não, não é isso. Eu te amo mais que  
tudo. Estava pensando se não havia outra solução.

- Eu conheço meu pai. Ele não vai deixar  
mesmo. Sabe que você é o filho do fazendeiro...

- Tem certeza?

- Tenho.

- Então, vamos. Deixa eu te colocar na  
sela.

A incerteza agiu com rapidez e a moça foi  
erguida na montaria. Em seguida desceram o morro  
do lado oposto da cabana e adentraram o extenso  
cerrado, no instante em que Irene chamava pela  
filha.

- Sabrina, que demora é essa? Vem pra  
dentro.

Não obtendo resposta, foi até à casinha e  
empurrou a porta.

- Mas onde você está, menina? Zeca!

Atendendo ao chamado, o homem  
apareceu acompanhado do filho.

- O que foi, mulher?

- A Sabrina sumiu.

Depois das explicações, Roberto sugeriu:

- Deve estar no morro.

- Vamos lá, então.

Chegando ao local, notaram os rastros do cavalo.

- Ela fugiu com o filho do fazendeiro.

O cavalgar tranquilo do animal, o trote lento nas trilhas do cerrado dá tempo para sentir o vento da tarde vencendo a mata e tocando o rosto; dá tempo de ver as aves que passam, o verde que se modifica de acordo com o tipo de folhagem. Dá tempo de sentir os seios macios que roçam nas costas do cavaleiro fazendo o coração pulsar mais acelerado e o peito buscar o ar com mais força. Assim não há como fugir do desejo, não há como fugir da força dessa paixão.

- Ali na frente tem um bom lugar pra gente descansar um pouquinho.

- Tudo bem.

Uma das nascentes do córrego. Espaço desenhado pela natureza para receber os enamorados. De muita sombra e frescor, pedras lisas e água cristalina. Borboletas enfeitavam o lugar com suas asas coloridas.

- Que lindo! – exclamou Sabrina.

O rapaz parou o cavalo, mas não desceu. Virou-se na sela, pegando a moça no colo.

- Léo...

- Este é o nosso momento, Sabrina. Ninguém pode roubá-lo de nós.

- Oh, Léo... me beija.

Entre beijos e abraços, as roupas foram retiradas com dificuldade. O manso cavalo achou uma moita de capim para o seu lanche da tarde e calmamente esperou. Sobre a sela o amor foi concebido pela primeira vez. O verde-escuro da mata se rubrou por um instante. Loucos minutos de prazer acompanhados de gemidos e culminados com um suspiro de Sabrina.

- Ah, eu não imaginava que fosse tão bom assim!

- Eu achei que íamos cair do cavalo.

- Eu também.

Um longo beijo foi trocado, unindo os dois corpos num abraço forte, de tirar o fôlego, quase mortal. Não podiam imaginar que aquele momento seria eterno, que aquele abraço os ligaria para sempre. Repentinamente, um laço desceu sobre eles, prendendo-os pela cintura. Uma risada fantasmagórica preencheu o local, assustando o cavalo, que fugiu. Preso à corda e ao corpo de sua amada, Leonardo se debateu, mas logo percebeu que a luta era em vão. Estavam suspensos a um metro do chão, rodando numa horrível ciranda de morte. A cada grito de Sabrina, a apavorante risada mostrava sua satisfação. Aquele ambiente de amor e êxtase havia se transformado em um tétrico cenário onde o pânico e a morte eram os atores principais. Quando a corda se retesou e os corpos pararam de rodar, saiu, por detrás de uma árvore, a



Com o cair da noite, a ausência de Leonardo chegou à fazenda. Um cavalo cansado apareceu no curral trazendo a sela vazia. A busca começou à noite mesmo, mas sem resultado. Somente com a luz do sol, dez cavaleiros liderados por Prudêncio Bezerra encontraram a pista do rapaz. Enquanto isso, Zeca, que no dia anterior fora para o acampamento, dirigia-se à fazenda para saber notícias da filha. Saía escoltado por Pedrão, Ramiro e cinco outros companheiros. Osório quis acompanhá-los, mas a perna não permitiu.

- Tentem resolver o caso com calma.

- Não sei se vou ter calma – afirmou Zeca.

A pista levava à nascente e o cheiro da morte era mais intenso à medida que aproximavam. Prudêncio Bezerra, montado em seu cavalo, afastou um galho verde que pendia sobre a trilha, revelando a mais horrível cena vista por ele. Os corpos continuavam suspensos, retalhados pelo corte da faca; as barrigas abertas mostravam os órgãos internos; os olhos arregalados revelavam toda a loucura e o pavor que os dois jovens viveram. O sangue seco no chão formava uma trilha que se estendia e se unia às águas da nascente.

- Meu filho! O que fizeram com você?

- Eu conheço a moça – disse Afonso. – Sei onde mora.

Apesar da extensão do cerrado e das inúmeras trilhas existentes, é comum as pessoas se encontrarem.

- O que vocês estão fazendo por aqui?

- Estamos levando um corpo que pertence ao acampamento.

- Sabrina, minha filha!

No encontro dos dois grupos, os fatos foram esclarecidos. Prudêncio Bezerra levava também o corpo do filho para provar sua inocência.

- Passamos em sua cabana, senhor Zeca. Ninguém encontrando, seguimos para o acampamento.

- Se a minha filha não tivesse se envolvido com esse rapaz, estaria viva – disse o homem, ainda abaixado sobre o corpo de Sabrina numa padiola, rudemente construída para o transporte dos corpos.

Ramiro interveio.

- Não adianta discutir isso agora, Zeca. Tem coisa mais importante pra fazer.

- Isso mesmo – completou o fazendeiro. – Precisamos descobrir quem matou os dois. Há um cruel assassino em minhas terras.

- O líder desconfia de alguém, senhor Bezerra. Estas não são as primeiras mortes. Muitos achavam que o perigo vinha da fazenda, mas agora não há mais dúvida. O assassino vive com a gente em nossas barracas.

- Então vamos lá bater no ferro enquanto está quente.

Quando os dois grupos chegaram ao local, os corpos foram estendidos no chão sobre a padiola, em frente à cabana de Osório.

- Minha filha! – Irene chegou correndo.

O líder saiu, escorado em uma muleta. A tragédia chocou a todos que, por instantes, esqueceram suas diferenças. Osório estendeu a mão ao fazendeiro que aceitou o cumprimento.

- A sua preocupação de vir até nós mostra a grandeza do seu caráter.

- Agradeço, senhor Osório, e lamento nos encontrarmos sempre em situações desfavoráveis como esta.

- Eu tinha certeza de que o senhor nada tinha a ver com essas mortes.

- Obrigado. O senhor Ramiro disse que o assassino se encontra no acampamento. Precisamos fazer justiça.

- Tentei em vão ajuntar provas, mas para mim não há dúvidas. Vamos à barraca dele.

- Como ele se chama?

- Ganga.

O suspeito não foi encontrado. Na verdade, não tinha ainda sido visto naquele dia.

- Afonso! Encontre esse sujeito. Preciso voltar com meu filho à fazenda e dar a triste notícia à minha esposa.

- Vivo, patrão?

- Morto!

Nesse momento, Zé Navalha chega com outra novidade.

- O Charles também sumiu. Os dois só ficavam juntos.

Enquanto Prudêncio Bezerra voltava para a fazenda, e a família de Sabrina iniciava os preparativos para o sepultamento, Afonso e mais cinco peões começaram a caçada ao assassino. Zeca e Pedrão também se juntaram ao grupo. Estradas, córrego, roçado, cabanas, tudo foi revistado. No final da tarde, os caçadores retornaram sem sucesso. Pararam em frente à barraca de Pedrão.

- Vai para a fazenda, Afonso?

- Nem pensar, Pedrão. Só volto com o corpo do bandido.

- Então é nosso convidado. Você e os seus peões. Amanhã a gente continua a busca. A noite foi feita pra se perder e não pra se achar.

- É verdade, companheiro.

Osório chegou, sustentado pela muleta, para saber o resultado da caçada.

- Nada. Absolutamente nada. Amanhã vamos à nascente pra encontrar alguma pista que talvez não foi notada.

O líder pensou e, depois de alguns instantes, perguntou:

- Vocês foram ao vale?

- Não, não atravessamos a estrada.

- Talvez eu esteja errado, mas acho bom revistar a clareira onde ele matou o Nanico.

- Ainda dá tempo – disse Pedrão. – É perto.

- Eu também quero ir.

- Mas, e a perna?

- Deixa pra lá.

Afonso desculpou-se pelo tiro.

- Sinto tê-lo ferido, companheiro.

- Eu é que agradeço por ter mirado na perna.

- Vamos lá. Agora estamos juntos.

A clareira foi alcançada. Como ficava no fundo do vale, a cor negra da noite já se grudava nas folhas e subia pelas árvores agarrada aos troncos, dificultando a procura.

- Tomem cuidado. Ele é perigoso.

- Ninguém trouxe lanterna, não é?

- Vamos chegar todos juntos. É mais prudente.

- Mas, o que é aquilo ali no chão? Parece...

A surpresa foi geral. No meio da clareira, coberta de sangue, podia ser vista apenas a cabeça de Charles, o policial. Seu corpo estava enterrado ao chão. Um enxadão escorado numa árvore ao lado assistia ao espetáculo.

- Meu Deus! Que coisa horrível!

- Pelo jeito, ele foi torturado até a morte.



- Mas é verdade. Aqui a gente não sabe quem é a caça ou o caçador.

Nesse momento, Osório teve uma ideia salvadora.

- O caçador! É isso mesmo! Espera aí, Ramiro.

- O que foi?

- Vai lá e traga o Divininho e seus cachorros.

- O delegado deve mandar alguém...

- É verdade, mas pode demorar. Além do mais, só um verdadeiro caçador resolve este caso. A caça é muito perigosa.

- Então eu vou deixar o Nenzico com as famílias e seguirei na frente. Quem sabe ainda hoje trago o homem – disse Ramiro, montando em seu cavalo.

Três da tarde. Os caçadores chegam sem resultados.

- Ele apagou os rastos.

- Parece que o homem sumiu no ar.

- Nem na clareira, nem na fonte.

A possível vinda do caçador trouxe novo ânimo.

- Então vamos esperar esses cachorros.

Mais uma hora de espera e a velha caminhoneta aparece na ladeira. Osório faz a recepção.

- Mais uma vez estamos te incomodando, meu amigo.

- Ramiro disse que a coisa não anda bem por aqui.

- É verdade. E só você pode ajudar. Ainda bem que veio hoje.

- Devido à pressa, só tive quatro cães em condições. Mas é o suficiente. Sultão está entre eles. Tem alguma roupa do inimigo?

- Tem mais. Vamos à barraca dele.

Divininho atrelou seus cães usando uma correia, presa em sua mão direita.

- Dessa vez quero estar bem perto dos meus filhotes.

Escortado por um bom número de homens armados, Divininho se dirigiu à barraca de Ganga. Os cachorros cheiraram o colchão e alguns pertences usados pelo assassino. Em seguida arrastaram o homem em direção à estrada.

- Já encontraram. Vai lá, Sultão.

Escorado em sua muleta, Osório viu o grupo, armado de revólveres e espingardas, atravessar a estrada e sumir entre as árvores do vale.

- Dessa vez ele não tocou a corneta – observou Luzia.

- É, a caçada é diferente. Não tem a mesma alegria. E eu aqui, sem fazer nada...

- Você fez muita coisa. Disse onde tava morto o policial e deu a ideia de buscar o Divininho.

- Espero que eles encontrem aquele demônio.

Nesse instante, um trovão ecoou pelos lados do roçado e o vento norte chegou trazendo a chuva.

- Vamos pra dentro. Vai chover, e muito.

Segurados pelo caçador, os cachorros retesavam a correia, querendo liberdade.

- Calma aí, meus filhotes. Vamos juntos. A caça é outra.

Em poucos instantes alcançaram a clareira onde Charles estava enterrado.

- Foi aqui que ele matou o policial – disse Pedrão.

- Policial?

- A gente também não sabia. Osório que trouxe – explicou Zeca.

- Vamos ver pra onde ele foi daqui.

Os cães revistaram o terreno e logo recomeçaram a batida.

- Ele foi para o fundo do vale. Está se distanciando do acampamento.

A chuva alcançou os caçadores. O forte vento e o terreno molhado atrasavam a caminhada.

- Assim vai escurecer e a gente não acha o homem.

- Tenha calma, Afonso.

Adiante, a batida seguiu o curso do córrego até chegar a uma cascata. Abaixo, o

terreno se modificou, e os caçadores notaram pedras nas trilhas e grutas nas encostas dos morros.

- Ele deve estar por aí, num desses buracos.

Logo os cães puxaram seu dono em direção a uma gruta maior.

- Cuidado, gente. Ele pode tá armado.

Divininho tranquilizou:

- Ele já fugiu. Ouviu os cachorros.

Como fora previsto, encontraram apenas sinais de sua presença no interior do local.

- Ele estava mesmo aqui. Saiu agora com a nossa chegada – explicou o caçador.

- Como você sabe?

- Os cachorros estão mais agitados e mudaram o latido. Vamos lá.

- O problema é essa chuva que não para. Já tô todo molhado.

A batida seguia sempre para o fundo do vale. Quando chegaram a uma enorme ladeira, os cães pararam farejando o terreno.

- O que tá acontecendo?

- Meus filhotes estão indecisos. O homem sumiu ou se dividiu em dois – disse o caçador.

- Do jeito que você fala, estamos caçando o capeta.

- Vamos esperar. É um minuto só.

Os cães pareciam mesmo perdidos, até que um deles puxou os outros descendo a ladeira.

- Andou. Vamos lá.

O grupo caminhou bom tempo por uma trilha difícil, escorregadia e cheia de pedras. No fim, os cães pararam ao lado de um tronco caído na beira do córrego.

- O que foi agora?

- Aí está o problema. Ele amarrou a camisa nesta pedra e rolou ribanceira abaixo.

- Queria ganhar tempo.

- E ganhou.

- Temos que voltar lá onde os cachorros estavam indecisos.

Chegando ao local, a pista não foi encontrada.

- Agora vai ficar mais difícil. Tá escurecendo.

- Esperem um pouco aqui.

Com seus cães à frente, Divininho começou a dar voltas no local, alargando cada vez mais o círculo. Em poucos minutos os cães se agitaram novamente.

- Podem vir. Sultão achou a pista. Ele havia jogado a pedra e subido nas árvores. Desceu aqui – chamou o caçador.

- O homem não é o capeta, mas é muito esperto.

Caminharam por algum tempo adentrando a noite. A chuva intensa e o terreno irregular dificultavam a caçada. Um pouco mais à frente, Afonso observou:

- Ele tá dando uma volta. Parece estar retornando ao acampamento.

- Já tinha observado isso – concordou o caçador.

- Mas o homem é louco! O que ele tá querendo?

- Está muito seguro de si. Deve estar brincando com a gente.

- E se você soltasse os cachorros, Divininho?

- Alcançar eles alcançam, mas o homem pode matar algum até a gente chegar.

A chuva caía insistente sobre o acampamento. As frágeis barracas eram castigadas pelo vento que entoava uma lúgubre canção. O negro da noite era rasgado vez em quando por uma navalha de fogo vinda do céu que, depois do repentino clarão, ecoava seu tinido. Em seguida, voltava a escuridão. Um quadro pintado pelo Senhor das Trevas, propício para a aparição de demônios e assombrações. Em sua cabana, Osório estava escorado na cadeira, com os pés sobre a cama onde Luzia brincava com o filho.

- Faz mais “cosca”, mamãe.

A muleta descansava ao seu lado sob a fraca luz do lampião. Os olhos arregalados demonstravam sua preocupação.

- Vem deitar, Osório. Não adianta ficar assim.

- Tô com medo de alguma coisa dar errado. Esse tempo... não sei explicar direito.

- Vem aqui. Esses dias têm sido muito difíceis pra você.

No momento em que o homem pegava a muleta para se levantar, a pequena janela da cabana se rompe bruscamente fazendo aparecer uma hedionda sombra conhecida.

- Ganga! Não!!!

Luzia gritou, agarrando-se ao menino, enquanto o assassino pulava pela abertura. Osório levantou-se com a muleta nas mãos, mas imediatamente parou quando viu uma faca em volta do pescoço de Luziano. A mulher foi separada do filho e empurrada em direção ao marido que caiu de volta sobre a cadeira.

- Não! Meu filho não!

O invasor esboçou um pavoroso sorriso.

- Pode gritar, minha senhora, o vento não deixa escutar. Só eu posso sentir o seu pânico e os lamentos do menino.

Osório olhou para a parede. O homem advertiu:

- Nem pensar, amigo. Quando chegar à espingarda, a cabeça do seu filho já caiu ao chão.

- Deixa a criança, Ganga. Nós te recebemos muito bem aqui.

- É verdade, meu amigo. Estou agradecendo a hospitalidade.

Luziano, chorando baixinho, começou a soluçar.

- Coitadinho dele. Está assustado com o tio Ganga. Não chore, seja forte antes de morrer.

Osório tentou dialogar:

- O que você ainda quer, Ganga? Não basta as tristezas que já causou a todos nós?

O homem sorriu mais uma vez.

- Olha só o líder! Está querendo negociar. Quanto vale a vida do seu filho? Bem, vejamos...

Passando a faca levemente no pescoço da criança, disse:

- Que pena, meu amigo, eu só me interessar por sangue! Sangue! Sangue!

- Então me mata no lugar dele.

- Muito bem! Este é o verdadeiro homem. O líder do Assentamento São Francisco! Dá sua vida pela de seu filho. Um grande gesto, mas não me comoveu.

- O que foi que nós fizemos com você? – gritou Luzia.

Ganga fechou o rosto, mudando a voz.

- Nada, minha senhora, além dos seus olhares de desprezo. Eu mato sem motivos aparentes. Mato para sentir o sangue quente molhar minhas mãos. Mato para ver o desespero das pessoas que pedem clemência, como agora. Bem, tenho que ir, já ouço o latido dos cachorros que me perseguem.

Luzia caiu de joelhos no chão.

- Deus do Céu! Salva meu filho.

No momento em que o assassino ergueu o cabo da faca, um forte relâmpago clareou o lugar. A taramela da porta girou e foi aparecendo uma pequena figura à medida que o vento empurrava pacientemente a velha tábua. Os olhos do maníaco arregalaram-se e sua mão foi se abaixando.

- O que é isso? Mas esse moleque tá morto!

O enorme espanto fez a arma cair ao chão. Aproveitando aquele momento de embaraço, Osório levantou-se, tomou de volta o filho nos braços e se colocou junto à esposa no canto do quarto. Enquanto isso, os outros dois personagens estavam parados, com toda a atenção voltada um para o outro. Luzia deixou escapar a frase:

- Deus mandou Nanico ajudar a gente mais uma vez.

Um novo relâmpago mostrou a apagada imagem daquela inesperada aparição. Parecia que parte do rosto e do peito não existia mais. A pobre criatura tinha os braços caídos, o corpo coberto de sangue e dois horríveis buracos no lugar dos olhos. O frio assassino não pôde suportar aquele pesadelo tão real e pela primeira vez sentiu-se amedrontado.

- Sai de mim, alma do outro mundo!

Com essas palavras, virou-se e saltou a janela. A imagem de Nanico pareceu esboçar um sorriso aos seus queridos amigos e desapareceu. Abraçados uns aos outros, a amedrontada família

ficou ainda por um tempo sem ação no canto do quarto, até que o latido dos cachorros e o barulho de uma corneta tiraram-nos daquele transe. Chegando à porta, Osório encontrou os primeiros caçadores que chegavam precedidos pelos cães.

- Ele foi por ali, nos fundos da cabana.

Os cachorros reencontraram a pista e a caçada prosseguiu.

- Fugiu para o morro. Agora não escapa mais.

Homens e animais subiram a ladeira, através da estreita trilha que os sem-terra percorreram várias vezes por ocasião da novena. Um novo relâmpago clareou a situação.

- Lá está ele! Perto da cruz!

- Armas na mão, gente. Ele está parado.

Os caçadores aproximaram-se lentamente. As lanternas ligadas mostraram uma figura sem camisa agarrada à cruz. Os cães que latiam furiosamente calaram-se como por encanto. Só o barulho da chuva podia ser ouvido. As armas foram apontadas ao homem que recitava um estranho monólogo.

- Tira as mãos de cima de mim. Você está sujo de sangue...

- Com quem ele tá falando?

- Não sei. Comigo é que não é.

Ganga, fortemente agarrado à cruz, repetia atemorizado:

- Tira esse cachorro daqui. Ele está babando nas minhas pernas.

- Que cachorro ele está falando? Os meus estão aqui...

- Não é verdade. Eu não comi os seus olhos.

- Gente, ele ficou maluco.

- Maluco ou não, vai morrer agora.

- Mas, quem vai atirar nele agarrado numa cruz, aos pés do santo?

- Eu vou – disse Zeca, erguendo sua espingarda. – Ele matou minha filha.

- Eu também – disse Afonso. – Preciso levar o corpo ao meu patrão.

- Eu também.

- Eu também.

Vários disparos foram efetuados quase ao mesmo tempo e a terrível criatura deslizou-se na cruz até se deitar sobre as pedras. Os tiros ecoaram no acampamento. Na porta de sua cabana, Osório teve a certeza daquela morte, mas sabia que a vida de todos não seria a mesma depois desse triste e tenebroso episódio. Somente a fé cultivada na simplicidade do campo conseguira salvar sua família; e somente a fé enraizada nos corações puros e na alma roceira seria capaz de devolver, um dia, a paz e a alegria a todos os seus irmãos trabalhadores.

Dizem que até hoje, em noite chuvosa, os relâmpagos mostram no alto do morro um menino e um cachorro correndo ao lado da cruz. E o vento grita seus nomes, ecoando por todo o vale e em todas as sedes, finalmente conquistadas, do Assentamento São Francisco.

FIM